TL5728

TESTE

À

GUERRA

(1974-1985)

SUMÁRIO

I — A GÉNESE DOS PARTIDOS POLÍTICOS EM TIMOR-LESTE

* O GOLPE DE 11 DE AGOSTO DE 1975;
* O CONTRA-GOLPE DE 20 DE AGOSTO;
* FRETILIN PROCLAMA A INDEPENDÊNCIA UNILATERAL DE TIMOR-LESTE

II — TIMOR-LESTE: 10 ANOS DE LUTA, SOFRIMENTO E MORTE

1. A INVASÃO:
   * O INIMIGO EM 1976;
   * O INIMIGO EM 1977;
   * NAS MONTANHAS DE TIMOR-LESTE, O POVO EXPERIMENTA UMA NOVA FORMA DE VIVER EM COMUNIDADE;
   * O INIMIGO EM 1978: NOVA TÁCTICA DE GUERRA: O CERCO E ANIQUILAMENTO;
   * EM MATEBIA, O ÚLTIMO REDUTO DA FRETILIN: O INIMIGO ENCONTROU A MAIOR RESISTÊNCIA DE SEMPRE EM TERRAS DE TIMOR LESTE
   * DESTRUIÇÃO DAS NOSSAS BASES DE APOIO;
   * RENDIÇÃO EM MASSA DO POVO;
   * O POVO MAU-BERE É MASSACRADO.

2. NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO:
   * VIDA NEGRA;
   * A ESPOLIAÇÃO DOS BENS DO POVO MAU-BERE;
   * O MASSACRISMO EM MARCHA;
   * A SIMULADA "LAVAGEM CEREBRAL";
   * 2 ANOS DE SILÊNCIO E RESISTÊNCIA PASSIVA;
   * A OPERAÇÃO DA LIMPEZA EM 1979 E A EUFORIA DA "VITÓRIA MILITAR" DO INIMIGO;

3. 10 DE JUNHO DE 1980:
   * DESTRUIÇÃO DOS PLANOS DO INIMIGO;
   * SUAS CONSEQUÊNCIAS A NÍVEL NACIONAL E INTERNACIONAL;
   * NAS PRISÕES POLÍTICAS: O "MES KOREM" E O BLOCO Nº 2 DE SINISTRA MEMÓRIA;
   * O CAMPO DE DESTERRO DE ATAÚRO:
     - NOVO CAMPO DE LENTO ASSASSINATO;
     - A VIDA DOS PRISIONEIROS EM ATAÚRO;
     - A ASSISTÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA JUNTO AOS PRESOS;

- A ENTRADA DAS DELEGAÇÕES DA CRUZ VERMELHA INTERNACIONAL E DOS DIREITOS HUMANOS EM TIMOR, NOMEADAMENTE EM ATAÚRO;
- ATAÚRO: NOVA FRENTE DE LUTA;
- O CAMPO DE DESTERRO DE ATAÚRO CONSTITUI DECEPÇÃO PARA O PRÓPRIO INIMIGO.

4. REORGANIZAÇÃO POLÍTICO-MILITAR DA FRETILIN:
A CONFERÊNCIA NACIONAL EM MAU-BAI.

5. O INIMIGO EM 1981: A FRUSTRAÇÃO DA SUA ÚLTIMA TÁCTICA E DE NOVO O MASSACRISMO EM LALINE E SANTO ANTÓNIO, EM LACLUTA;
O INIMIGO EM 1982: TORTURAS, MASSACRES E DESTERROS;
O INIMIGO EM 1983:
- A HIPÓCRITA "CONVERSAÇÃO";
- ROMPIMENTO DAS "CONVERSAÇÕES" E O LEVANTAMENTO DOS NATURAIS ARMADOS;
- TORTURAS, MASSACRES E DESTERROS PARA ATAÚRO, ATAMBUA, KUPANG E BALI.

6. O INIMIGO EM 1984:
* JULGAMENTO E DESTERRO DOS PRESOS PARA JAKARTA;
* LIBERDADE CONDICIONAL DE ALGUNS PRESOS DO CAMPO DE DESTERRO DE ATAÚRO;
* CRIAÇÃO DE NOVOS CAMPOS DE DESTERRO EM VÁRIOS PONTOS DO TERRITÓRIO NACIONAL PARA SUBTRAIR AO CONHECIMENTO DO MUNDO EXTERIOR;
* AMEAÇA DE EXTERMINAÇÃO DOS GUERRILHEIROS DA FRETILIN E DO SEU GLORIOSO CCF.

7. ESBOÇO DO NOVO PLANO DE LUTA DO INIMIGO PARA O ANO DE 1985.

III – A DESMORALIZAÇÃO DAS FORÇAS INVASORAS E O NOSSO INQUEBRANTÁVEL DESEJO DE VENCER.

IV – A JUSTEZA DA LUTA DO POVO MAU-BERE E A SUA PERTINAZ RESISTÊNCIA.

não existe no texto

V - O APELO DO CCF PARA A UNIDADE NACIONAL

VI - O JOGO BAIXO DO INIMIGO.

VII - PORQUÊ E PARA QUÊ ESTE BLOQUEIO ?

VIII -O MUNDO PERANTE A NOSSA SITUAÇÃO.

IX - O SLOGAN: "TIMOR VOLTA À NORMALIDADE".
"O POVO VIVE PACÍFICO NO SEU DIA-A-DIA".

X - O POVO E A IGREJA MÁRTIRES DE TIMOR-LESTE: TODOS À UMA COM OS OLHOS POSTOS NO FUTURO.

XI - A PROPÓSITO DE ALGUMAS NOTÍCIAS E ADIRMAÇÕES VINDAS A LUME, ULTIMAMENTE.

I - A GÉNESE DOS PARTIDOS POLÍTICOS EM TIMOR-LESTE

O 25 DE ABRIL PORTUGUÊS em 1974, além de pôr termo a um regime político -O ESTADO NOVO- que vigorava em Portugal desde 1933, e o estabelecimento da Democracia, teve também como uma das suas consequências, o fim do ciclo colonial e consequente aparecimento de novas Pátrias de expressão Lusíada : ANGOLA, MOÇAMBIQUE, GUINÉ, CABO VERDE e S. TOMÉ E PRÍNCIPE.

Para TIMOR, o termo da descolonização causou certo abalo na consciência do povo timorense. Entretanto apareceram os PARTIDOS POLÍTICOS e com eles , lutas ideológicas onde são discutidos o destino do Povo de Timor. Sucessivamente, iam aparecendo:

- A UNIÃO DEMOCRÁTICA TIMORENSE (UDT), encabeçada pelos senhores Francisco Xavier Lopes da Cruz, Mário Carrascalão, Mariano Lopes e outros "leaders", que preconizava a continuação com Portugal;

- A ASSOCIAÇÃO SOCIAL-DEMOCRÁTICA TIMORENSE (ASDT), depois FRENTE REVOLUCIONÁRIA DE TIMOR-LESTE INDEPENDENTE (FRETILIN), sob a chefia dos senhores Francisco Xavier do Amaral, Nicolau dos Reis Lobato, Alarico Fernandes e outros , que defendia uma independência imediata e total para o Povo de Timor-Leste;

- A ASSOCIAÇÃO POPULAR DEMOCRÁTICA TIMORENSE (APODETI), defende a pura integração de Timor-Leste à vizinha República da Indonésia. São promotores deste partido os senhores Arnaldo dos Reis de Araújo e José Osório Fernandes;

- O PARTIDO TRABALHISTA era chefiado pelo senhor Albano da Costa;

- O PARTIDO "KLIBUR OAN TIMOR ASSUWAIN" (KOTA), tem por cabecilha o senhor Tomás Ximenes. Este partido defende a raíz monárquica.

Cerca de um ano e meio foram travadas as lutas ideológicas entre as elites dos partidos, em especial, dos três primeiros, utilizando todos os meios em seu favor: rádio, imprensa, comícios públicos, com atritos mais ou menos agudos entre os adeptos dos referidos partidos, registados em vários pontos. A situação era de tal forma tão confusa, devido ao baixo nível da consciência política da massa que, electrizada pela propaganda dos ideários políticos, se viam reacções subjectivas explicáveis, que se exteriorizam pelas tensões contínuas de ódios, vinganças, mal-estar que, fatalmente, explodiram com derramento de sangue. Era esta a situação sócio-política de Timor que medeia entre o 25 de Abril Português e

O GOLPE DE 11 DE AGOSTO DE 1975,

iniciado pela UDT, com o falso pretexto de pôr fora os comunistas da FRETILIN, originando assim, uma guerra civil na nossa Pátria, Timor-Leste, que ceifou muitas vidas na flor da idade, esperança do Timor de amanhã. Este movimento denominado "movimento anti-comunista", iniciou-se em Dili, na noite de 10 para 11 de Agosto, com algumas armas fornecidas, propositadamente, pelo Comando da PsP, cujo Comandante, major Maggiolo de Gouveia aderiu ao referido movimento logo à primeira hora conjuntamente com alguns dos seus subordinados, plano previamente estudado, com algumas armas caçadeiras e pressão de ar e com a maior parte da população vinda do interior do território munida apenas de armas brancas: azagaias, flechas e catanas. À medida que o sr.Chico Lopes ia anunciando pela rádio o "controlo" da cidade, iam aderindo ao referido movimento, os partidos políticos Trabalhista e Kota e alguns elementos menos esclarecidos da Fretilin.

No sector Leste do território, o movimento estava a ser superiormente orientado pelo sr. Francisco Augusto Mouzinho. Aderiram ao movimento,as Companhias de Caçadores de Baucau e Lospalos que marcharam sobre a capital com a população desarmada daquelas zonas. Arrearam a bandeira da Fretilin na sua sede, arrastaram-na pelo chão. Seguidamente, montaram a sede do Komando do movimento no Palapaço, sede da antiga companhia de Batevia. Sentindo o perigo, a maioria dos elementos da cúpola da Fretilin subiu para as montanhas, refugiando-se no suco de Aiserimou, Aileu, enquanto a UDT,tanto em Dili, como no interior, ia aprisionando e encarcerando os adeptos e alguns "leaders" da Fretilin, queimando as casa do povo e assassinando-os, como aconteceu em Maubisse, Ermera e mesmo ali no Palapaço, foram assassinados os companheiros José do E. Santo, Domingos da Conceição e o Sequeira, um branco que soube amar um povo que o estima. Lembro-me deste grande português de nascimento, mas Timor de alma e coração, com a alma atravessada de dor. Um português que soube conquistar o coração deste bom povo e leal. Quantos funcionários menores do Estado Colonial português não recorriam a ele quando eram lesados os seus direitos e quantos não foram beneficiados por causa dele! Um português que soube definir a sua posição num momento crucial. Timor Leste tem-no no coração.

Na noite do dia 18 para 19 de Agosto a Fretilin, em Aiserimou, proclamou a insurreição geral armada, tomando e assumindo a direcção das Companhias de Caçadores de Aileu e Maubisse, cujos comandantes e oficiais subalternos portugueses se renderam. E na noite do dia 19 para 20 do mesmo mês,deu-se

O CONTRA-GOLPE DE 20 DE AGOSTO,

em que as Forças Armadas, em Dili, sob o Komando do Kamarada e companheiro ROGÉRIO TIAGO LOBATO, proclamaram-se como braço armado do Povo Mau-Bere, resistiram às forças do "movimento de 10 de Agosto" que libertaram os prisioneiros da Fretilin e começaram a fugir em debandada para a fronteira, refugiando-se dentro do território do Timor Indonésio, com as Falintil (Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor Leste) no encalço. Também, como o tinha feito a UDT, encheram as prisões com os elementos mais activos daquele Partido. A Apodeti, em princípio, manteve-se na expectativa.

As forças de "10 de Agosto", no sector Leste, ainda ofereciam alguma resistência no alto de Fatu-Ahi e em Bó Hecla, sob o comando directo do Mouzinho para a seguir, dispersando-se totalmente, enquanto muitos dos dirigentes do referido movimento naquele sector, se precipitaram para os TAA que estavam no aeroporto de Baucau, com destino para a Austrália.

Na região Central do território, também os dirigentes do mesmo movimento, fugiram em debandada pela Costa Sul, com o objectivo de apanhar também os TAA em Baucau. No encalço, foram todos capturados pelas Falintil em Viqueque e Venilale.

Na Fronteira, travam-se as primeiras escaramuças entre as Falintil e as forças da Indonésia. Os dirigentes do "movimento anti-comunista" pedem auxílio militar à Indonésia. As lutas na Fronteira agudizam-se com as Falintil a resistir frente às forças armadas de terra-mar-ar da "grande" Indonésia. Não é novidade para a Fretilin que sabia muito bem que a Indonésia seria o seu directo beligerante. A Fretilin que controla, de facto,durante os três meses até à invasão, fez a proclamação Unilateral da Independência Nacional de Timor-Leste, em 28 de Novembro do mesmo ano. Em seguida, envia para o exterior os seus elementos, afim de prosseguir a política, no campo externo, os camaradas Ramos Horta, Mary Alcatiry e Rogério Lobato.

E, em 7 de Dezembro de 1975, ainda o sol não despontava, já as primeiras granadas de canhões de longo alcance, dirigidas do mar, rebentavam nas encostas sobranceiras à cidade de Dili, enquanto os bombardeiros lançam na cidade os paraquedistas, a infantaria desembarca com carros de assalto, tanques de guerra e com todo o seu arsenal bélico. Era o início da agressão à nossa Pátria — "um osso pequenino, fácil de roer, mas difícil de engolir"- como dizia alguém acerca deste cobarde crime — pelas forças da vizinha República da Indonésia. Pelas suas antenas, o Suharto e seus generais informam o mundo de que, as suas tropas, em 24 horas, tomarão a cidade de Dili e em 48 horas, todo o Timor. Mas a realidade objectiva vem desfazer os seus planos.

II— TIMOR-LESTE: 10 ANOS DE LUTA, DE SOFRIMENTO E DE MORTE

1. A INVASÃO

Com a guerra civil que se estava a desenrolar em Timor-Leste, desde 11 de Agosto de 1974, entre a Fretilin e os partidos da coligação (UDT, KOTA e TRABALHISTA), a guerra tomou novo aspecto ou o mesmo quer dizer, violência de uma guerra ofensiva declarada, com a invasão de Timor-Leste pelas forças da Indonésia, a 7 de Dezembro do mesmo ano, principiando assim, uma das eras mais dolorosas da História, senão a mais dolorosa que a História do Povo de Timor-Leste conhece.

Hoje, a caminho de 10 anos, o Povo de Timor-Leste, dolorosamente vem sofrendo "em carne e osso", a dura opressão do militarismo colonial indonésio. Na lembrança de todos os bons filhos de Timor-Leste, está ainda bem viva, aquela trágica manhã de domingo, quando as forças de terra-mar-ar da gigante e vizinha Indonésia invadiram o nosso solo pátrio, apenas após 9 dias da sua proclamação unilateral da Independência, violando deste modo, os Direitos fundamentais de um Povo e princípios declarados universalmente na Carta da ONU. É o princípio da derrota da Indonésia na arena internacional. Tombaram em defesa da Pátria, os primeiros heróis da guerra da resistência nacional, assinalando em letras de ouro nos anais gloriosos da História do heróico Povo de Timor-Leste, para a geração vindoura, na sua luta pela libertação nacional.

Sob chuvas de granadas de canhões de vários calibres vindos do mar, a maioria do povo, homens e mulheres, novos e velhos, crianças ou aleijados , conscientemente, ia abandonando a cidade, subindo para as montanhas, sua defesa natural, enquanto outros, cheios de medo, se acolhiam nas igrejas paroquiais ou residências missionárias, nos hospitais, no Paço Episcopal, etc , implorando a Deus o fim daquele cobarde crime. Na cidade, em desproporção numérica e material, as nossas gloriosas Falintil, braço armado do Povo Mau-Bere, resiste heroicamente ao inimigo invasor que só conseguiu ocupar a capital, após 3 semanas de renhido combate, deixando o campo de batalha coberto de milhares de cadáveres

O ocupante da nossa terra, sem perda de tempo, logo no dia da invasão assassinou um grupo de homens formados em fila indiana, em frente da Sede da Assistência Social, em Caicoli, à rajada das metrelhadoras, salvando-se apenas o saudoso camarada João de Brito, cruelmente assassinado também em Venilale, no ano de 1983, que se lançou a terra antes da partida dos mortíferos tiros. No segundo dia, coube a vez a um grupo de mulheres, entre as quais, a mulher do nosso grande herói da guerra da independência, camarada

Nicolau dos Reis Lobato, depois de sofrer as maiores crueldades do vandalismo indonésio e a camareda Muki, e entre os homens, conta-se também um cidadão australiano que na altura se encontrava em Dili. Dos muitos desaparecidos, regista-se o nome do saudoso jornalista e poeta Borja da Costa, o compositor do Hino Nacional, "Pátria". Pela cidade dentro, foram praticados os mais abomináveis crimes e feroz crueldade que não podem deixar de comover os mais sensíveis corações: saqueios, roubos, devastações, violações de toda a espécie. A pouco e pouco, o invasor, guiado pelos "irmãos falhados",ia avançando para o interior do território, continuando com os seus hediondos crimes. Arrombavam as Igrejas, partiram os sacrários, lançaram pelo chão as hóstias consagradas, partiram as estátuas, roubaram peças de valor, espancaram os Padres (que o P. Lacatteli conta melhor o que se passou em Fatumaca e na Igreja de Venilale). Queimaram as casas do povo, saqueando, violando impiedosamente as nossas filhas e mulheres. Em Ossu, o P. Luís da Costa foi fortemente espancado e ferido e encerrado na casa de banho.As forças da Fretilin libertaram-no das mãos dos carnificinos indonésios, em princípios de 1976, quando fizeram um assalto ao campo de concentração de Ossu. Também aqui foi barbaramente torturado o pai do nosso camarada Augusto, morrendo numa cruz. São actos praticados por um povo que se diz "civilizado", por um povo que se proclama "anti-comunista", por um povo que diz que veio para nos libertar. Libertar dessa forma!? Libertar, roubando-nos, saqueando-nos, matando-nos, violando as nossas filhas e mulheres?

Em Dili, as cadeias de Caicoli, Tropical, San Tai Ho'o, estavam abarrotadas de presos políticos da Fretilin. Enquanto nas montanhas de Timor - -Leste, forças e Povo, sob a direcção do sábio e glorioso Comité Central da Fretilin, se organizava para resistir ao vandalismo indonésio que, numa demonstração de força, passeou, com tanques de guerra e carros de assalto,morteiros e canhões, com o fim de espalhar o medo ao povo, criar o pânico, levá-lo a ir render-se, ocupando ele em 1976, todas as principais vilas da nossa Pátria.

Em 1977, malogrado este seu plano, o inimigo procurou ocupar algumas vilas mais pequenas, de fácil acesso, no interior do nosso território, e,de quando em vez, fazia alguns "raids" para dentro das nossas bases de apoio , com a finalidade de liqüidar as nossas forças e a nossa direcção — o CCF— e levar a nossa população para as vilas e campos de concentração. Mas, nem isso conseguiram, pelo contrário, só tem dado perdas de vidas e material para o próprio inimigo, ex. grandes capturações feitas nas zonas Central e Ponta-Leste do território não só de material como também da dos seus homens que, alguns morreram de doença e outros foram mandados apresentar-se novamente às suas forças, durante a campanha e cerco de aniquilamento de 1978.

Durante os anos de 1976 a 1978, aquando se deu o início da campanha em todo o território nacional, nas matas de Timor-Leste, o Povo experimentou uma nova forma de viver em comunidade, uma nova forma de pensar e estabelecimento de novas formas de relação entre os homens: relação de ajuda mútua, de cooperação, em que o sofrimento de um é partilhado por todos e a alegria de outro é a alegria de todos. Esta forma de viver veio, precisamente, ao encontro dos anseios mais profundos do Povo Mau-Bere.

* **O INIMIGO EM 1978: NOVA TÁCTICA DE GUERRA: O CERCO E ANIQUILAMENTO EM MATEBIA, O ÚLTIMO REDUTO DA FRETILIN:** o inimigo encontrou a maior resistência da Fretilin em terras de Timor-Leste;Destruição das nossas Bases de Apoio. Rendição em massa do Povo. O massacrismo em massa do Povo Mau-Bere.

Esta nova forma de vida que o Povo Mau-Bere estava a experimentar nas montanhas de Timor-Leste, nos anos de 1976 a 1978, e que foi bem aceite em todos os corações do Povo Mau-Bere, veio a ser perturbada e destruída pelo inimigo ocupante da nossa Terra com o cerco e aniquilamento do nosso território, devido ao fracasso, uma vez mais, do seu plano, no ano anterior.Usando nova táctica, o inimigo fez o cerco e aniquilamento com cerca de oitenta a cem batalhões, forças de bonhas de várias cores, com o apoio marítimo e aéreo, reforçados pelos Partisans e Hansips, naturais armados ao lado do inimigo, e povo, a fim de capturar e aniquilar as nossas forças,o nosso glorioso CCF, e todos os quadros civis e militares e levar a nossa população para as vilas e campos de concentração. O inimigo conseguiu, aqui, parte do seu objectivo. Destruiu as nossas bases de apoio. Capturou e liquidou muitos dos nossos guerrilheiros, quadros civis e militares. Outros, desgostosos, entregaram-se simplesmente ao inimigo. Muitos guerrilheiros e alguns poucos quadros da direcção foram dispersados. O inimigo levou a totalidade do nosso Povo para os campos de concentração e vilas, sob o seu controlo.

Nesta campanha de cerco e aniquilamento, o inimigo encontrou a maior resistência de sempre, no alto da pedregosa montanha de Matebia, no sector leste do território, onde o inimigo sofreu milhares de baixas e perdas avultantes do seu material bélico. Para levar de vencida este último reduto da Fretilin oferecido pelos seus valorosos Falintil, o inimigo teve que usar todos os meios de que dispunha, assim: dos mares de Laga e Seiçal, ininterruptamente, os seus vasos de guerra fazem chover as metralhas mortíferas sobre Matebia, enquanto de terra, a artilharia selvática lança canhões de Quelicai e Uatocarbau, e o roncar dos caças, o relâmpago dos supersónicos cruzam os céus de Matebia, das 5 horas da manhã às 6 horas do entardecer, vomitando sem cessar, bombas e metralhas, causando feridos e semeando a morte por entre a população indefesa. Ao cabo de uma semana naquela situação infernal, por toda a parte, por entre pedras e rochedos, jazem cadáveres das foças indonésias, da população; ouvem-se choros das crianças inocentes; gemidos agonizantes dos feridos provocados pelos estilhaços ou subterrados nas cavernas, etc., etc. A população rende-se ao inimigo. Sim, rende-se fisicamente, obrigada pelas circunstâncias da guerra, mas não, nunca, ideologicamente!! São destruídas as nossas Bases Vermelhas dos anos de 1976, 77 e 78. Ainda no alto de Matebia, muitos elementos válidos de ambos os sexos foram cruelmente assassinados, a rajada das metrelhadoras, a facadas ou lançados para o precipício..., pelas tropas assassinas de Soeharto.

Os campos de concentração de Quelicai, Baguia, Laga, Lospalos, Iliomar, Luro, Tutuala, Laivai,Uatolari, Uatocarbau, Viqueque,Ossu-na ponta-leste, Laleia, Fatuberliu, Barique -no centro leste-, Aileu, Maubisse, Ainaro, Dili (Taci-Tolo, Tibar, Areia Branca) -na região central-, Bobonaro, Fatu - bessi, etc.-na região fronteiriça- tornaram-se focos de terror, de ódios e de cruéis assassinatos. Em Dili, a prisão de "San Tai Ho'o" representava a sentença de morte, em 1979. Quem lá entrava, nunca mais voltaria vivo,quase certo. Quantos dirigentes civis e militares da Fretilin que lá entraram nunca mais se têm visto!

Também na pequenina ilha de Jaco, na extremidade leste do território, quantos não foram lá lançados, após cruéis tormentos, morrendo ali lentamente de fome e outras privações? Destes grupos de homens e mulheres que ali foram lançados, munidos apenas de alguns fósforos e um ou dois supermis, um grupo deles, conseguiu, com alguns troncos, e durante a noite, safar daquele martírio. Mas, ao pisar as praias de Tutuala, foram todos mortos pelas tropas indonésias que estavam a fazer a vigia naquele sítio,salvando-se apenas uns dois ou três, entre os quais, um chamado Ermenegildo, que hoje ainda se encontra nas montanhas, de armas na mão, resistindo com outros camaradas, ao sanguinário invasor.

Hoje, já lá vão sete anos após a aparente "vitória militar" da Indonésia sobre o pequeno e herói Povo Mau-Bere. A fome continua a agudizar, a doença e a morte proliferam. Não há segurança. Não há paz. O "tentara indonésio" continua a prender, a torturar, a desterrar, a encarcerar e a matar o povo Mau-Bere.

2. NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO:

Vida negra. A espoliação dos bens do Povo. O massacrismo. A acção preponderante da Igreja Católica. A simulada "lavagem cerebral". Dois anos de silêncio e resistência passiva. A operação de limpeza em 1979. A libertação total dos presos desde 1975. O malogrado plano da reconstrução de Timor-Leste.

Nos campos de concentração, o povo ficou iludido e veio encontrar uma negra realidade. Encontrou a fome, a doença, privações de toda a ordem e , finalmente, a morte. A moralidade pública e privada entram em crise. Em toda a parte reina a prostituição que, não poucas vezes, destroi os lares, a sociedade inteira, em favor do divórcio, levando-os a desprezar a razão em face das paixões mais rasteiras do homem. A sociedade é envenenada. Timor-Leste é uma corrupção sistemática e estruturada, longe de servir os seus cidadãos.

Acossado o povo por todo este quadro de miséria que grassou e continua a grassar hoje em Timor-Leste, surgem, como é natural, nestas circunstâncias, oportunistas que querem fazer fortunas à sombra do clima de guerra em que Timor-Leste se encontra. Também o inimigo não deixa passar esta oportunidade - se bem que isto constitui uma das razões que movem a guerra- andam de abrigo em abrigo do povo, comprando a preços irrisórios ou mesmo arrancando à força, os seus objectos de valor e jóias de ouro e prata — rico património dos seus antepassados: louças antiquíssimas de fabrico chinês, japonês, holandês; espadas guardadas secularmente, de gerações em gerações ; moedas antiquíssimas dos séculos XV,XVI,XVII, etc. de origem chinesa, holandesa, portuguesa, espanhola — testemunhos reais de que por esta terra passaram vários povos de muitas nações, talvez, de comércio, nos tempos idos ; rotas, divisas e galões oferecidos aos régulos naturais pelos reis portugueses, nos primeiros tempos do contacto entre as autoridades portuguesas com as destas paragens; bandeiras de monarquias portuguesas, já muito velhinhas e rotas, no entanto, ainda se conservam como valor de muita estima,nos seus "lu'hus" também já enegrecidos com o andar do tempo; "bélak" de ouro, "kaibauk", pulseiras, "alus" com que as velhinhas trituram o bétel e a areca para mascar, brincos, anéis, correntes, etc. de ouro e prata; o "mortén" que é o de maior valor para uso dos seus barlaques e nos dias de grandes recepções ou de festa. Tudo isto foi roubado, além dos seus gados, café e sândalo, cami, et. etc.

Além destas roubarias descaradas, o inimigo sanguinário continuou a trucidar impiedosamente os nossos guerrilheiros e quadros presos nas suas mãos: alguns foram enforcados, outros sepultados vivos (o tio Mau-Boci, em Uaimori), outros lançados de helicóptero como o camarada comandante Sebastião Sarmento, outros degolados como os camaradas Moisés da Costa e a mulher, cunhado do nosso PR, o Lu Mano e a mulher, o Fongala, todos estes foram enterrados numa só cova em Viqueque; a outros cortaram-lhes a língua e os dedos como sucedeu ao companheiro e camarada António Bosco Lobato, em Fatuberliu, etc, etc. Estes são entre os milhares de crueldades e massacrismos que o vandalismo indonésio impôs ao nosso Povo por esse Timor fora.

No meio deste clima de terror e de miséria, surge a ACÇÃO PREPONDERANTE DA IGREJA CATÓLICA, em coordenação com a "CRS", procurando minorar esta situação dolorosa em que se encontrava o povo Mau-Bere: alimentando os famintos, sarando os doentes e os feridos, vestindo a nudez, reabrindo, em muitas localidades, as escolas das missões...

Mas o inimigo não cessa a sua perseguição ao resto dos nossos quadros civis e militares. Em todos os concelhos de Timor-Leste, faz-se a hipócrita "lavagem cerebral" no intuito de lançar a mais vil perseguição contra os nossos últimos dirigentes nas suas mãos — a exterminação total da Fretilin. São escarniçados, são acusados, são sujeitos a pressões de toda a ordem, são presos, torturados, encarcerados, desterrados ou assassinados. São poucos os que se escapam deste plano maquiavélico do inimigo. Dizia-nos, em 1979, um major, na tal aula de "lavagem cerebral": "Timor pode vir a ser como a Austrália. Os naturais australianos são pretos. Mas hoje, só existe a raça branca porque os naturais foram todos liquidados. Caso que poderá vir a suceder em Timor. Os seiscentos mil habitantes de Timor para Java não é nada". Sem dúvida, nós sabíamos da intenção da Indonésia. É dolorosamente lamentável, e humanamente condenado, os actos de barbárie praticados pelo inimigo ocupante da nossa Pátria durante estes anos de ocupação sangrenta, actos que atentam contra os mais elementares direitos da humanidade e privam da liberdade do convívio natural da família e do ambiente social natural muitos homens e mulheres, filhos do heróico Povo de Timor-Leste.

O cerco e aniquilamento de 1978/79 forçou a que muitos dos guerrilheiros e dirigentes da resistência se entregassem ao inimigo. Deste modo, foram de pouco realce ou quase nada as nossas acções de guerrilha. Praticamente foram dois anos de silêncio, neste ponto. O inimigo, satisfeito com a "vitória militar", sem saber que esta é apenas um dos aspectos da conjuntura, que igualmente se impunham soluções económicas-políticas-sociais para efectivamente se proclamar vitorioso, retirou de Timor-Leste o seu arsenal bélico, libertou todos os presos da Fretilin desde 1975, fez-se uma campanha de limpeza e terminou com um grande suspiro de alívio: Até que enfim! A guerra acabou! Vamos descançar! E pôr o nosso comércio em vida! Mais um pedaço de terra para engrandecer o nosso império!

Enquanto nas altas esferas políticas do governo da Indonésia se traça um novo plano para a reconstrução de Timor e outros seus intentos maquiavélicos, o Povo Mau-Bere, nas vilas e campos de concentração espalhados em todo o Timor-Leste, resiste silenciosamente, no âmago do seu coração amargurado e ferido de dor, de raiva, de ódio, provocado pela feroz opressão torturante. Dia para dia, aumenta o seu desejo de ser livre do opressor. Vive intensamente esta Esperança.A pouco e pouco, surgem redes clandestinas de resistência, em toda a parte. Deste trabalho em clandestinidade desponta o

3. 10 DE JUNHO DE 1980 NA CIDADE DE DILI QUE DESTRUIU TODOS OS PLANOS DO INIMIGO. Suas consequências a nível nacional e internacional.

Nas prisões políticas: torturas e massacres.

O campo de desterro de Ataúro:
- novo campo de lento assassinato;
- a vida dos prisioneiros em Ataúro;
- a entrada da Delegação da CVI e a dos Direitos Humanos em Ataúro;
- a acção da Igreja Católica junto aos presos;
- Ataúro: novo campo de luta;
- o campo de desterro de Ataúro constitui decepção para o próprio inimigo.

Após a campanha de 1978/79, o inimigo persuadido da "vitória militar", pois no campo político ele reconhece a sua derrota, lança pelos ares e aos quatro ventos que a guerra em Timor já acabou. Não há mais Fretilin.Que uma nova era iria começar: a reconstrução de Timor. Ainda alimentado dessa tensão de espírito de euforia, quando se deu a surpresa: o assalto à cidade de Dili, mais precisamente, ao paiol de Becora, à Rádio difusão de Maribia e aos postos militares de Fatunaba e Dare, à meia encosta sobranceira à cidade de Dili, na noite de 10 para 11 de Junho de 1980. O inimigo treme. Donde vêm estas forças?!, perguntam eles entre si. Em pouco menos de 24 horas, já todo o mundo fica a saber que em Timor-Leste a resistência ainda existe. Se ela existe é porque existe a Fretilin. A Fretilin existe enquanto existir o Povo Mau-Bere. O mundo fica a saber da grande mentira da Indonésia. O nosso objectivo está alcançado: demonstrar isso mesmo ao mundo. Aterrorizado,o inimigo, com brutal ferocidade, movimenta toda a sua máquina repressiva: intimidações, perseguições, calúnias, prisões arbitrárias, violências físicas e morais, torturas, massacres. No espaço de menos de uma semana, a prisão de Caicoli estava já cheia de presos. Criaram-se mais cadeias políticas dentro da cidade: no Korem, no Kodim, na PM e no Komando de Nanggala. Outras tantas espalhadas pelo interior do território. Ao mesmo tempo, faz chegar mais contingentes das suas tropas, com todo o material bélico: tanques de guerra e carros de assalto que, dia e noite, percorrem as ruas da cidade , morteiros e canhões, aviões e barcos de guerra. Mais uma vez, o inimigo voltou a assassinar muitos filhos de Timor-Leste, nas redondezas da capital:em Dare, Taci-Tolo, Areia Branca, Fatuabi, Tibar, Hera.

Foi nesta situação angustiante que muitas mães, esposas e filhos acorrem junto ao Paço Episcopal, descrevendo como aqueles vândalos davam o suplício e morte aos seus filhos, maridos e pais, lamentando com suspiros e lágrimas as atrocidades praticadas por este povo desprovido de sentimentos humanos. Monsenhor da COSTA LOPES, homem de rija têmpera e longa experiência, já batido nestas coisas, vai, ora à direita, ora à esquerda, junto das altas esferas militares indonésias em Dili, intercedendo pela vida dos seus irmãos de raça, pedindo para que se faça a devida justiça, respeitando a integridade física e moral dos presos. O inimigo não atende a isso. No " mes Korem", em Bebora, numa antiga residência dum cidadão chinês, durante os meses de Junho-Julho-Agosto, se prosseguiam os "famosos inquéritos", seguidos de cruéis suplícios, segundo o critério dos algozes que, muitas vezes, depois de bêbados se atiram sobre as pobres vítimas sem dó nem pena. Os inquéritos eram sempre feitos à noite e terminam lá pela madrugada. Era um inferno vivo aquele sítio, onde todas as noites se ouviam gritos lancinantes,chamando por Jesus e Sua Mãe Maria Santíssima, gemidos, desesperos, lamentações. Dói-nos o coração ao recordar aqueles momentos angustiosos, de violências e crimes. Alguns tentaram suicidar-se: outros tentaram fugir para apanhar de vez uma bala mortal do carrasco javanês. Mas, no meio disto tudo,havia sempre alguns a animar a malta. Era necessário muita coragem e força de vontade para suportar este pesadelo. Rezávamos o terço em comum. Havia outros javaneses que nos diziam: "Não vale a pena rezar que Deus nem agora ouve as vossas rezas". Não nos importava. Continuávamos a reza do nosso terço. Isto dava-nos uma força moral suficiente para atacarmos em cheio a política de fachada de Soeharto e seus generais. Em todos os cantos, os canos estão sempre em posição de fogo. Não tememos isso. Íamos às necessidades em grupos de 10, 12, todos sentados ali no terreiro, com a arma virada para a malta e em posição de fogo. O comer era arroz seco acompanhado de chá; tudo servia para aniquilar aos poucos a malta pois, muitos ou quase todos, ao fim de alguns dias, já nem podiam comer. Sentia dores na garganta. Os grandes carrascos dessas longas noites, foram: o major javanês ALI MUSA, o árabe BADER, o conterrâneo Martinho, entre os demais. Eis alguns dos métodos atormentadores:

- CHOQUES ELÉCTRICOS com fios ligados aos dedos, à pele do corpo, aos sexos, aos seios como aconteceu com a nossa companheira ETELVINA de Lospalos e a muitas outras;
- PÔR OS DEDOS DOS PÉS DEBAIXO DOS PÉS DAS CADEIRAS, estando sentado um nela a fazer peso, até arrancarem as unhas fora, como sucedeu com o Vila Nova;
- LEVANTAM PESOS, durante horas inteiras debaixo do sol, espancamentos, murros , se baixarem os braços;
- PANCADAS, MURROS, PAULADAS, sobretudo na boca do estômago, no peito até deitarem o sangue pela boca, pelo nariz;
- OBRIGAM-NOS A BEBER ÁGUA MISTURADA COM A CINZA DA CAMISA DO PETROMAX, como aconteceu com o companheiro Manuel Víctor, até que ficou com a vista fraca;
- QUEIMADURAS COM PONTAS DE CIGARROS na testa, nas faces,no nariz,nos seios e nos sexos das nossas companheiras Maria de Fátima, Etelvina de Lospalos.
- POẼM OS TOQUÊS A MORDER os nossos sexos até ficarem inchados durante dias, como sucedeu com o camarada Pedro Manek e outros;
- Obrigam-nos a CONSERVAR O CORPO DEBAIXO DA ÁGUA durante toda a noite;
- DESPEM AS NOSSAS COMPANHEIRAS (Fátima, Beatriz, Imaculada, Marcelina e outras) ante a troça e riso dos bandidos. Obrigam estas a despirem-nos e a brincar com os sexos dos homens, etc.;
- Obrigam um homem e uma mulher, todos nus, a conservarem-se dentro do tanque, etc.;

- Fazem-nos inquéritos, depois de despidos, tanto a homens como às mulheres;

- À noite, as nossas companheiras são obrigadas à violência dos brutos selvagens que algumas delas saíram de lá com filhos, como aconteceu com as companheiras Marcelina e Imaculada;

- Mandam-nos deitar no chão, debaixo do calor, com o peito virado para cima, todos em fila; depois, um por um, os soldados passam por cima dos nossos peitos com as botas;

- À mulher do nosso camarada Liurai Adelino de Autolari, fizeram tantas e tantas coisas que nem tenho palavras para as descrever. Assim maltratada, mataram-na por estrangulamento. Depois puseram uma corda no pescoço e penduraram-na dentro da casa para dizer que ela se enforcou durante a noite. O marido, o filho maior Acácio e mais um grupo de homens foram conduzidos para um regato para serem assassinados. Todos foram mortos, menos o k/Adelino que conseguiu fugir para as montanhas e hoje ainda se encontra de armas na mão nas florestas de Timor-Leste;

- O Norberto Fernandes, depois de muitos sofrimentos físicos e morais foi morto à facada, nas encostas de Dare;

- O José Soares, homem forte e alto, viu cerca de 20 homens, em fila indiana, a caírem sobre ele. Após 4 ou 5 dias de contínuo sofrimento, ficou completamente disforme e inconsciente. Quatro vezes perdeu os sentidos e 4 vezes lhe deitaram água por cima ...

- Ao Afonso Lopes, puseram-lhe uma corrente ao pescoço, puxando para o tecto da casa 6 vezes; depois puseram-lha outra vez nos quadris e fizeram o mesmo;

- Marcos Soares, outro homem forte, chegou já com a cara toda disforme por causa das queimaduras das pontas dos cigarros. Caíram sobre ele 8 a 10 javaneses; não conseguindo derrubá-lo, despiram-no, esfaquearam o corpo e castraram-no. A seguir, deu-se logo como desaparecido;

- Jordão de Araújo, jovem de 17 anos, foi cruelmente maltratado: cortaram-lhe um pedaço do pénis e mandaram-no engolir; com as cordas vocais todas rebentadas, foi conduzido para fora e foi logo dado como desaparecido também;

- Danilo da Silva, outro jovem de 17 ou 18 anos também, depois de sofrimentos físicos, cortaram-lhe um pedaço de orelha e mandaram-no engolir. Também desapareceu;

- A mim, passei uma noite inteira no maior dos sofrimentos: fui sujeito a choques eléctricos, com os fios ora ligados nos dois dedos polegares, ora nos dois mínimos ; sujeito a murros e pauladas, fiquei gravemente ferido na cabeça com três valentes fendas. Mandaram-me, com a palma da mão, recolher o sangue a escorrer da cabeça e obrigaram-me a beber; com a cara já disforme, nariz a deitar também sangue , cortaram-me ainda um pedaço da orelha e obrigaram-me a engoli-la. Que grande carrasco , esse grande BÁBER!

- Ali mesmo, no "mes korem", morreram dois valorosos camaradas; um natural de Lacoto, Dili, foi morto à pancada, e outro, electricista, natural de Bazartete, foi morto por estrangulamento;

- O grande João Barreto e o Afonso Moniz serviram-se da cadeia para fazer ataques frontais à política de mentira da Indonésia. Todos desapareceram. Mas souberam cumprir a sua missão.

Após dois meses naquele suplício, fomos todos conduzidos para a cadeia central de Caicolo, onde todas as noites, das nove às doze horas, iam entrando em grupos de 4, 5, 7, 10, cerca de uma centena de companheiros que até à data nada sabemos do paradeiro destes companheiros. Em 5 de Setembro, saíu um grupo para a ilha de Ataúro, ficando na comarca cerca de 50 pessoas.

O BLOCO Nº2 DE SINISTRA MEMÓRIA

Todos os que entravam na comarca, na entrada principal, eram necessariamente revistados pelos agentes policiais. São desapossados de tudo: dinheiro, lápis, papéis, cintos, sapatos, roupa, excepto a que trazem vestidos. Todos são obrigados a passarem pelas penitenciárias. Na cela "Mau-Bu - tar" que não tem latrinas, o preso era forçado a fazer dejecções nas latas que, ao mesmo tempo, serviam para pôr a comida ao meio-dia e à noite. Na cela "Beci", os presos estavam comprimidos como se fossem sardinhas em lata , sobre montões de fezes porque as latrinas estavam entupidas. Nesta situação asfixiante morreu um nosso camarada.

Um mês antes da nossa entrada ali, tinha morrido por espancamentos o nosso companheiro Salvador capturado nas áreas de Tibar.

Os presos que saím das celas cheiravam a fezes, suor e mortes.Na cela "mau-butar", enlouqueceu o jovem Domingos de Manatuto que veio a falecer pouco depois no bloco nº2, com a paralisia total do corpo. Comia-se duas vezes ao dia, ao meio dia e à noite. Cada refeição era composta de umas cinco colheres de arroz das de sopa que nem chega para dar de comer a uma galinha. Fazíamos, várias vezes, greves da fome. Mas a comida piorava e a perseguição policial e dos carcereiros sentiu-se recrudescer. Vários tipos de doença iam aparecendo. Gradualmente, as figuras humanas iam-se transformando em esqueletos sem carne. Nessa situação angustiante, assistimos à morte lenta de mais seis camaradas naquele bloco nº2 da comarca, de sinistra memória, aguardando também a nossa vez. Assistimos à morte do jovem Eduardo , natural de Quelicai, que ainda em agonia, foi retirado para uma sala solitária, gemendo e gritando toda a noite: "Tenho fome, tenho fome. Ainda não morro". E o carcereiro Marcelo berra lá fora:"Que morra!" Assim passou toda a noite e assim morreu cerca das nove horas do dia seguinte. Este facto constitui uma expressiva manifestação de dor, de revolta e protesto e que fica profundamente gravado na nossa alma. Os cadáveres são retirados da comarca só à noite, das 7 às 8 horas, com as luzes da comarca todas apagadas para ninguém ver lá fora. Nessa noite, todos são obrigados a dormir cedo. Ninguém pode espreitar por entre as grossas grades de ferro. Com o carcereiro atrás, lá vão 4 homens, presos de delito comum, a transportar aquele caixão de triplex ou de papelão, onde lá dentro jaz o corpo mortal de mais um herói da guerra de resistência, cuja alma acaba de se apresentar ao Juiz Supremo. Outro facto que constitui uma verdadeira heroicidade e nobre exemplo para todos foi aquele praticado pelo nosso camarada Metódio: para salvar da denúncia e da prisão os seus companheiros de luta, cortou a garganta com uma navalha que trazia na algibeira. Deu-se logo como desaparecido.

A bem dizer, todos os camaradas que morreram na comarca foi devido à fome, mais do que à doença. E os maiores culpados foram o Marcelo, o velho Jacob entre outros. Tiveram comportamento digno de registo por todos os presos e que a Pátria de todos nós, também não os esquecerá,os carcereiros Ali Daci, Ali Vieira e Ali Musa que fizeram todo o possível para nos salvar dentro das suas possibilidades. Neste ambiente de terror, passaram os 50 presos, sós, inertes, indefesos, durante 14 meses completamente incomunicáveis. Os nossos familiares nada sabem se estamos vivos ou já mortos. Pelo contrário, estes estão constantemente a ser vítimas de falsas acusações,calúnias, maus tratos, violências... Foi a força da vontade, a coragem moral, o nosso sustentáculo neste ambiente cruelmente opressivo que nem queremos recordar. Bastava mais alguns meses para saírmos de lá em cadáveres. Tudo fizeram para que não haja notícias nossas lá fora. E para isso mesmo é que aquando da visita do Sr. Núncio Apostólico à comarca de Dili em 5 de Agosto de 1981,foram esconder-nos em Taibesse. Deixámos a comarca de Dili em 5 de Agosto de 1981 e levaram-nos para a ilha de Ataúro. Na comarca, ficaram 5 ou 6 companheiros. Triste recordação! Nem a lei nem os mais sentimentos humanos chegam àquela bloco nº2 e aquelas imundas celas.

Todo este reinado de terror, de odiosos crimes e injustiças revoltantes não nos regateia o ânimo e o espírito de combatividade pela nossa causa. Pelo contrário, soubemos tirar dele experiência que nos dá força e energias necessárias para vencer obstáculos difíceis que a nossa luta impõe,cimentando a nossa consciência nacional, a firmeza nos nossos princípios políticos e a unidade nas nossas acções. Ou a Pátria livre ou a exterminação de nós todos se for necessário. O Povo de Timor-Leste está firmemente decidido para o que der e vier, se a Indonésia não respeitar o seu direito, a sua liberdade.

ATAÚRO: CAMPO DE DESTERRO E DE LENTO ASSASSINATO

Havia já cerca de umas duas a três mil almas em Ataúro, ilha já tradicionalmente conhecida como ilha dos desterrados desde o fim da 2ª Guerra Mundial, onde lá morreram muitos dos melhores filhos de Timor, terra de sol escaldante e árida, de praias amenas e de gente modesta e hospitaleira. O primeiro grupo que aí chegou foi no dia 1 de Julho de 1980, proveniente da capital. A segunda caravana chegou no dia 5 de Setembro do mesmo ano. Atrás destes, iam chegando outros, de todos os pontos do território nacional,prin cipalmente dos concelhos da Ponta-Leste: Lospalos, Baucau, Viqueque, Manatuto; dos concelhos da Região Central: Dili, Aileu, Same, Ainaro; dos concelhos da Região Fronteiriça: Liquiçá, Ermera, Bobonaro. Nos princípios de 1982, já totalizou cerca de seis mil pessoas naquela ilha.

Vivia-se em barracões de zinco e paredes forradas de plásticos pretos que nos tornam insuportáveis ao calor. Não havia nada, nem camas, nem luz , nem água suficiente. Cada pessoa, semanalmente, recebia do comando militar da zona umas 900 gramas de milho podre. Mais nada. Cada um procurava abastecer-se. Vendia tudo o que tinha: roupa, "tais", etc. Percorria as aldeias para fazer permuta. Mas a terra é pobre como é pobre a sua gente. Não há medicamentos. A mortandade cresce de dia para dia, ceifando vidas às crianças e velhos, especialmente, nos meses de Dezembro de 1981 e Janeiro, Fevereiro e Março de 1982. O trabalho do Estado estava carregado. Homens e mulheres , trabalham no aterro das estradas das 7 às 12 ou 1 da tarde. Os mais hábeis começaram a "mexer-se". Muitos iam oferecer a sua mão de obra na construção da capela local, ganhando uns lima ratus por dia; outros iam para a extracção do sal, do azeite do coco, venda de lenha para "pegawais"; alguns começaram a fazer cadeiras, mesas, camas para vender e outros trabalham com as rotas; enquanto outros faziam a criação de alguns animais ou abrir alguns "kios". Tudo com o fim de procurar minorar o mais depressa possível aquela miséria reinante que estava a levar dia após dia muitas vidas para o cemitério. Nesta difícil situação, surge novamente

A ACÇÃO BENFAZEJA DA IGREJA CATÓLICA JUNTO AOS PRESOS,NA ILHA DE DESTERRO DE ATAÚRO

Foi notável a acção da Igreja Católica em Timor junto aos presos políticos na ilha de Ataúro. Se não fosse ela, a fome e a doença teriam dizimado a maioria da população desterrada, antes que a Cruz Vermelha Internacional lá penetre. Dentro das suas possibilidades, procurava a todo o custo, minorar aquela situação desumana e lamentável. Ia-nos fornecendo,através do seu representante na ilha, os catequistas Marcos de Araújo e Benjamim,arroz, milho, leite, roupa, medicamentos e outros utensílios de uso doméstico. Na sede da missão, funcionava uma farmácia que atendia os doentes diariamente. Visitava os doentes e os mais necessitados eram assistidos urgentemente. Quando nem a Missão já tinha e a fome agudiza, os dois catequistas faziam apelos aos naturais na Igreja. Solidários com os seus irmãos presos, a população local ia juntando na sede da missão tudo quanto se podia conseguir:algumas espigas de milho, batata, frutas, que imediatamente foram repartidos pelos mais atingidos pela fome. D. Martinho da Costa Lopes deu mesmo instru ções a todas as missões da sua Diocese para olharem pelos presos de Ataúro. A atenção da Diocese estava voltada para os seus filhos presos em Ataúro.

A ENTRADA DAS DELEGAÇÕES DA CVI E DOS DIREITOS HUMANOS EM ATAÚRO

Correm rumores entre os desterrados que uma delegação composta pelos elementos da Cruz Vermelha Internacional e dos Direitos Humanos da ONU , ia chegar à ilha. Reina alegria entre os presos. Notam-se os primeiros sinais. O komando militar da zona anda atarefado. Chegam de Dili, triplex para substituir as paredes de plástico, canos e canalizadores que começam a puxar mais água para o abastecimento dos presos, e electricistas que começam também a montar a luz eléctrica para todos os barracões, apesar de a luz ser muito fraquinha, parecendo a de uma lamparina de azeite. Foram distribuídos 12 aparelhos de rádio e 6 de TV (que foram depois recolhidos mais tarde) . Chegou o suspirado dia. O campo de aterragem do helicóptero estava à cunha de um mar de gente ruidosa e ansiosa para ver o que ia acontecer. O helicóptero chegou. Nessa manhã de 15 de Fevereiro de 1982, Ataúro estava em festa. Saíram do "heli" algumas caras novas e entre a delegação conta-se uma senhora que falava bem português. Era a senhora Romênia. Trocaram-se as primeiras impressões entre os presos e a delegação. Foram vividos em cheio esses três dias (15-18) da presença da delegação entre nós, em Ataúro. Entravam em todas as casas. Conversavam com todos. Inteiravam-se dos nossos problemas. Regressaram com a pasta cheia de apontamentos. Prometeram-nos voltar daqui a 6 meses. Passados alguns meses, instalou-se em Ataúro,junto dos presos, o representante permanente da CVI. Foi trabalho aturado e incansável de D. Martinho da Costa Lopes. A partir daí, a situação dos presos no tocante à saúde, ao comer, ao vestuário, etc., foi melhorando sensivelmente. O fantasma da fome passou a ser uma recordação do passado. Não há queixas de fome.

ATAÚRO: NOVO CAMPO DE LUTA

Após a entrada da primeira delegação internacional em Timor e, nomeadamente em Ataúro, outras delegações, a nível de nações e organizações internacionais, começaram a afluir à ilha. O campo de desterro de Ataúro é tema de conversa da actualidade nas órbitas internacionais. Entre as várias delegações que nos visitaram, contam-se: Austrália, Nova Zelândia, foram mais de uma vez, América, França, Itália, Guiné Papua, Portugal e Noruega.

Todos queriam saber o que se passa na realidade, em Timor, em Ataúro. Os anos de 1982 e 83 foram de constantes entradas de estrangeiros em Timor-Leste.

O campo de desterro de Ataúro cria,

1º. possibilidades de reunir ali grande número de patriotas, portanto anti-indonésios. Deste modo, reforça-se a consciência nacional, a firmeza na luta e a unidade no plano político;

2º. movidos por imperativos de justiça e solidariedade humana, como acima referido, o campo de desterro de Ataúro foi visitado por muitas delegações estrangeiras. Assim, internacionalmente, vão sendo conhecidas não só a miséria que grassa em Timor-Leste, mas também as atrocidades praticadas pelo carnificino invasor. Ao mesmo tempo desenvolve-se um poderoso movimento de solidariedade. Facto que levou o governo de Jakarta a cancelar a entrada dos estrangeiros em Timor-Leste no ano de 1984, com excepção de uma delegação da Austrália chefiada pelo embaixador do mesmo país, em Jakarta.

As visitas das delegações são sempre ocasião para o inimigo reforçar a sua rede de espionagem. Entre os presos, as tropas e polícias, os agentes secretos, nesse dia, andam todos disfarçados, vestidos de lipa, camisas rotas, metidos no meio da malta, para ver e ouvir com quem se fala e de que se fala. As armas são escondidas. Um dia antes da ida da delegação, costumam ir lá algumas autoridades militares e civis de Dili, para instruir os presos, como devem falar e como devem responder e como devem comportar-se à frente das delegações. Mas, quais... Após o regresso da delegação, são sempre chamados alguns presos para prestar declarações no komando militar na zona. A maior rede montada até à data, foi quando da visita da delegação portuguesa, em 15 de Fevereiro de 1983. Logo após o seu regresso, ainda os jornalistas no helicóptero, foram chamados os camaradas Jorge, o catequista Alberto, o "catuas" Jaime (estes três foram já mandados para a comarca de Dili) e o Guilherme. Depois de cruelmente torturados, foram enviados para Dili. Regressaram um mês depois. Em 28 de Junho de 1985, portanto ainda há pouco tempo, os três primeiros foram conduzidos para a comarca de Dili, com mais 29 camaradas, entre os quais, duas mulheres e uma criança.

( ) →D

O CAMPO DE MORTE LENTA DE ATAÚRO CONSTITUI DECEPÇÃO PARA O PRÓPRIO INIMIGO

Julgando que o ocupante da nossa Pátria que, desterrando todos os desconfiados e perseguidos políticos, ia acabar com a guerra em Timor-Leste.Pelo contrário, o inimigo resolve um problema com outro problema. É o mesmo que dizer, resolve mal o problema ou nada resolve. O campo de desterro de Ataúro constitui o nó do problema para a Indonésia, sobretudo na esfera internacional. Por isso, resolve ela, Indonésia, salvar o seu bom nome.Mas já era tarde. Contudo, vai tapando furos por aqui e acolá, a ver se remedeia. Em fins de 1982, manda sair forçadamente, contra a sua vontade, alguns presos dos concelhos de Lospalos e em fins de 1983, outros do concelho de Baucau. Mas estes presos, ao chegarem às suas terras, muitos se evadiram para as montanhas, indo juntar-se aos seus companheiros que resistem no mato, aumentando assim o seu efectivo. Resolve o inimigo de outro modo: mandar saír de Ataúro, mas não para as suas terras de origem. Assim, alguns presos da Região Leste, nomeadamente dos concelhos de Lospalos, Baucau e Viqueque, foram mandados para a Região Fronteiriça ou Região Ocidental, em fins de 1982 e princípios de 1983. Hoje encontram-se no concelho de Maliana, posto administrativo de Cailaco, no sítio chamado Paragua. São ao todo 650 presos de ambos os sexos e idades. O inimigo diz quz não são presos. No entanto, não podem ir para as suas terras, os familiares não podem ir visitá-los.Não têm assistência da CVI. Dizem que fazem parte da transmigração. Contudo, muitos deles estão longe da mulher e dos filhos há mais de cinco anos, como em Ataúro. Não têm liberdade de circulação. Então, isto não é preso?!!

Em 1984, no mês de Julho, foram mandados regressar os presos de Dili. Antes disso, em Maio, oito deles foram reconduzidos para a comarca de Dili, onde foram julgados pelos "Tribunais Especiais". São cinco homens e três mulheres com seus bébés. São eles:

1. Maria de Fátima com um filhinho — o marido saiu;
2. Beatriz Alberto, com dois filhinhos — o marido saiu;
3. Maria Imaculada — o marido ficou em Ataúro;
4. Luís Fátima — a mulher e os filhos saíram;
5. António Ramos — a mulher saiu;
6. Alexandre da Rocha — a mulher e o filho saíram;
7. Francisco de Carvalho — a mulher e o filho saíram;
8. Agapito da Rocha — solteiro.

As companheiras e o Alexandre encontram-se ainda na comarca de Dili e os quatro estão agora em Jakarta.

Também em Julho, libertaram os presos do concelho de Aileu. Mas não foram para as suas casas. São concentrados na vila de Aileu com outros presos vindos de Lospalos, Baucau, Same, Remexio, Alas, etc. São 44 os presos do concelho de Aileu vindos do campo de desterro de Ataúro.

Ainda em 1984, em Outubro, libertaram, ou melhor, foram mandados sair de Ataúro os presos do concelho de Ainaro. Também não foram para as suas terras. Foram mandados para um sítio isolado, na costa sul, na zona de Zumalai. Foram obrigados a deixar tudo em Ataúro o que, com muito sacrifício,se adquiriu ali. Como consequência, passam fome e o paludismo ceifou uma data de vidas. Com o milho já a crescer, novamente foram reevacuados alguns para a vila de Ainaro, onde estão concentrados. Alguns já foram libertados ainda há pouco. Tudo são tácticas do inimigo para nos assassinar.

Ainda no passado dia 26 de Junho, libertaram do campo de Ataúro, 86 presos do concelho de Manatuto que se encontram naquele campo de desterro desde 1981. Contudo, ainda lá estão 63 presos do mesmo concelho, juntamente com os presos de Viqueque e Same. Um facto curioso a registar nesta libertação: em algumas famílias saíram a mulher e os filhos e fica o marido;em outras, saiu o marido, ficam a mulher e os filhos. No dia 28 do mesmo mês, foram mandados para a comarca de Dili 32 presos do campo de desterro de Ataúro, entre os quais duas mulheres e uma criança. São dos seguintes concelhos: Viqueque - 15; Manatuto - 9; Same - 5; Lospalos - 3.

4. REORGANIZAÇÃO POLÍTICA / MILITAR DA FRETILIN: A CONFERÊNCIA NACIONAL EM MAUBAI

Como atrás dissemos, após a destruição das nossas Bases Vermelhas de 1976, 77 e 78, pelas forças inimigas, no cerco e aniquilamento de 1978 a 79, muitos guerrilheiros e quadros foram obrigados a dispersar.Nas montanhas de Matebia, Ramelau, Kablaque, Ili Man e nas inóspitas cavernas de Ainaro, Bobonaro, nas cerradas matas seculares de Loré, Iliomar, Luro, nas íngremes encostas de Timor-Leste e nas extensas planícies da contra-costa, sobreviveram desse cerco, alguns milhares de guerrilheiros e poucos quadros dirigentes. Apenas estava intacto o batalhão da Briver do sector "Ponta-Leste". A esse batalhão, foram-se juntando mais outras forças que estavam espalhadas dentro do sector. Foram enviados, depois, aos outros cinco sectores (ex-centro-Leste, Centro-Norte, Centro-Sul, Fronteira-Norte e Fronteira-Sul), mensageiros no intuito de encontrar e reunir outras forças espalhadas em todo o território nacional. Já com alguns milhares de guerrilheiros e poucos quadros civis e militares, realizou-se a CONFERÊNCIA NACIONAL em MAUBAI, na região central do território, na zona de Lacluta, sob a direcção dos dois únicos elementos sobreviventes do glorioso Comité Central da Fretilin chefiado na altura, pelos três valentes e heróicos camaradas Nicolau dos Reis lobato, Carvarino Mau-Lear e Vicente dos Reis Sahe. A conferência realizou-se de 3 a 8 de Março de 1981, na montanha de Maubai, presidida pelos dois camaradas JOSÉ CAIRALA XANANA GUSMÃO e MANECAS MAU-HUNO. Com a nova reestruturação dos quadros políticos civis e militares, criaram-se as forças regulares. Traçam-se novas estratégias de luta, nas frentes política-militar-económica, tanto no campo interno como externo. Os seis sectores existentes antes do cerco foram reduzidos a três: sector "Funu Sei Nafatin" ou Região Leste, sector "Nakroman" ou Região Central e sector "Haksolok" ou Região Fronteiriça. A partir daí, as nossas acções de guerrilha estenderam-se a todo o território nacional. São quebrados os dois anos de silêncio. A rede clandestina aumenta nas vilas e campos de concentração. O inimigo sente-se ameaçado e resolve fazer nova campanha de cerco e aniquilamento.

5. 1981: A FRUSTRAÇÃO DA ÚLTIMA TÁCTICA INIMIGA; NOVO MASSACRISMO EM LALINE E SANTO ANTÓNIO DE LACLUTA.

1982: TORTURAS, MASSACRES E DESTERROS.

1983: A HIPÓCRITA "CONVERSAÇÃO". ROMPIMENTO DAS CONVERSAÇÕES. TORTURAS, MASSACRES E DESTERROS.

Com a intensificação da nossa guerra de guerrilhas a nível nacional, nesta etapa da luta, o inimigo sente-se na necessidade urgente de sufocá-la pela raíz. Assim, no Verão do ano em curso, isto é, em 1981, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, fez uma grande campanha de cerco e aniquilamento — a última táctica — avançando de Leste e Oeste para o centro, terminando em Laline e Santo António em Lacluta. Nesta campanha, avançaram forças, população desarmada, estudantes e funcionários. Mais uma vez, em Lacluta, o inimigo cruel indonésio mostrou ao mundo a sua verdadeira face de crueldade, ao matar população indefesa, velhos, crianças e mulheres; às grávidas abriram-lhes o ventre, etc., etc., homens de bestialidade feroz, coração de feras e sentimento de judas. D.Martinho da Costa Lopes, no alto do púlpito, e aos pés de N.S. da Conceição, em Lecidere, na grandiosa procissão de

13 de Outubro (pois nessa procissão vieram alguns milhares de cristãos e não-cristãos da Ponta Leste, rezando pelas almas dos irmãos, pais ou maridos cruelmente assassinados nas montanhas de Laline), com toda a coragem de um grande herói, publicamente, denuncia, protesta e condena energicamente estes crimes de selvageria praticados pelo colonialista carnificino indonésio, em Terras de Timor-Leste. A esses actos de barbárie respondemos nós com a intensificação das nossas acções da guerrilha, tanto nas montanhas como nas vilas e campos de concentração. Nada mais pode fazer o inimigo que continuar tiranicamente a prender, a torturar, a massacrar, a desterrar o nosso heróico Povo. Cerca de mais de mil pessoas dos concelhos de Ainaro e Same, na Região Central, chegaram mais à ilha de desterro de Ataúro,em Agosto de 1982, entre homens e mulheres, crianças, velhos ou aleijados, enquanto muitos se evadiram para as montanhas, outros foram mortos e outros tantos foram desterrados para os campos de concentração de AILEU.

Em 1983, o inimigo ocupante, sente-se desmoralizado perante as nossas acções de guerrilha constantemente levadas a efeito em todo o Timor,de norte a sul, de leste a oeste, e saturado também por ver que nesta guerra não se vislumbra uma vitória ou uma derrota e que, pelo contrário, tende a eternizar-se no campo militar, já alguns dos oficiais indonésios cientes de que as soluções militares não resolvem este problema. É sacrificada a vida da maioria do povo indonésio, inutilmente. Nota - se que, dia para dia,o divórcio psicológico entre o dominador e o dominado concretizado pelo aparecimento de focos de resistência clandestina em todo o território nacional, de lutas esporádicas que vão minando lentamente os pilares sobre que assenta o convívio humano. A separação agudiza-se. É inútil continuar com a guerra dessa forma. Hipocritamente, entra em "conversação" com a resistência, em Abril do ano em curso, mas que facilmente se descobre a maquiavélica intenção dos oficiais militares da Indonésia. Rompe-se em Agosto o período das "boas relações" e da "calmia", com o levantamento dos naturais armados. Ao mesmo tempo, nos bastidores da ONU, na sua 38ª reunião da Assembleia Geral, fala-se da discussão do problema de Timor-Leste. O inimigo sente - se mais uma vez perturbado. Diz o inimigo:"Quando a situação não tiver condições, a única coisa é matar". Assim diz, assim faz. Em Agosto, Setembro e Outubro , foram registados vários assassinatos em todo o Timor-Leste. Muitos quadros e activistas da Fretilin foram presos e desaparecidos. Em Viqueque, no suco de Krarás e na ribeira de Wé-Tuku foi registada a maior chacina em massa de sempre, em Terras de Timor-Leste, nesta guerra de forçada ocupação estrangeira. O Povo é a vítima da imolação e testemunha ocular. A Igreja Católica em Timor-Leste, guardiã da Justiça e da Verdade, o único refúgio deste opri mido povo de Timor-Leste, nesta hora sangrenta que passa, confirma. Pode o senhor governador Mário Carrascalão, pode a Indonésia, lançar mentiras sobre mentiras para convencer o mundo, mas a verdade é que, cedo ou tarde, virá a Justiça, anulando todas as mentiras. Hoje, o Povo de Timor-Leste é oprimido e a sua voz é reduzida ao silêncio perante a razão da força do ocupante da nossa Terra. Chegará a hora em que esse mesmo povo oprimido de antes, terá a sua oportunidade para expressar a sua liberdade e a sua voz é escutada. O senhor governador não passa de ser o cúmplice destes crimes praticados pelo vandalismo indonésio, ao dizer a certas mulheres que acorriam ao seu gabinete quando o inimigo massacrava os seus maridos,filhos ou pais: "As tropas indonésias morrem:porque é que o povo de Timor não pode morrer?"

Em Dili, o assassinato estava entregue a uma secção de nanggalas sob o comando de um major chamado Supit. Muitas casas dos patriotas foram assaltadas à meia-noite cujos donos desapareceram. Em Ataúro, foram retirados os primeiros quatro presos políticos de Ainaro (dois homens e duas mulheres, familiares do camarada comandante da Região Fronteiriça, Venâncio, e foram degolados em Tibar, conforme informação que nos foi dada pelo senhor M. Em todo o território nacional, foram feitas muitas prisões e muitos assassinatos, sobretudo nas zonas de Lospalos, Baucau e Viqueque e na Região Central (Same e Ainaro). Os prisioneiros foram conduzidos alguns para a comarca de Dili, outros para as comarcas de Atambua e Cupão, no Timor indonésio, e outros para Bali. Só pararam quando foi adiado na ONU a resolução do problema de Timor-Leste. Com os levantamentos dos naturais armados em Viqueque e Lospalos, no dia 8 de Agosto, muitos destes naturais foram desarmados pelo inimigo e desterrados para Ataúro, enquanto aqueles iam para as montanhas, com as armas, aumentando o efectivo e o arsenal bélico dos homens da resistência. Reina a desconfiança entre os naturais armados e os soldados indonésios.

nota

6. 1984:- JULGAMENTO E DESTERRO DOS PRESOS PARA JAKARTA;
— LIBERDADE CONDICIONADA DE ALGUNS PRESOS DA ILHA DE ATAÚRO;
— CRIAÇÃO DE NOVOS CAMPOS DE DESTERRO EM VÁRIOS PONTOS DO TERRITÓRIO NACIONAL PARA SUBTRAIR AO CONHECIMENTO DO MUNDO EXTERIOR;
— AMEAÇA DE EXTERMINAÇÃO DOS GUERRILHEIROS DA FRETILIN E DO SEU GLORIOSO CCF.

No dealbar do ano de 1984, com o adiamento da resolução do problema de Timor-Leste, na Assembleia Geral da ONU, o ocupante da nossa terra, começou a fazer o julgamento aos nossos presos políticos que se encontravam nas cadeias de Dili, Cupan, Atambua, Bali e no campo de desterro de Ataúro. Todos souberam enfrentar honradamente esse grande assassínio, o vandalismo indonésio, fazendo da prisão um novo posto de luta e dos "tribunais especiais militares" onde são julgados, tribunais de ataque ao colonialista e militarista indonésio. Os anos que têm cumprido nas prisões políticas e nos campos de desterro até ao dia do julgamento são invalidados simplesmente. Após os julgamentos, gradualmente, são algemados e desterrados para Jakarta. Após várias diligências, foram autorizadas as delegações da CVI para assistir também os nossos presos da comarca de Caicoli e Becora, em Dili, e os de Jakarta.

O campo de morte lenta de Ataúro, era esta a intenção do inimigo , que levou a sua criação em primeiro de Julho de 1980, , veio a ser uma ilusão para o inimigo, por razões já citadas atrás. Tornou-se o fulcro das atenções do mundo. Levou a Indonésia a uma crise política na arena internacional. Procurou retirar o mais depressa possível os presos dali para salvar dessa crise. Somente problemas de vária ordem, como por exemplo, a evasão para as montanhas dos libertados, impediram que libertassem todos de uma só vez. Assim, em Julho, foram libertados os presos do concelho de Dili e de Aileu. No entanto os de Aileu foram novamente concentrados na vila de Aileu, outro dos vários campos de desterro criados em todo o território nacional.

Em Outubro, foram retirados os presos do concelho de Ainaro e enviados para novo campo de desterro nas áreas de Zumalai (Búauk).

Em 26 de Junho do corrente ano foram libertados alguns prsos de Manatuto.

Em fins de 1982, foram libertados alguns presos de Lospalos.

Em fins de 1983, foram libertados alguns presos de Baucau. A A maioria destes libertados estão livres sob a vigilância dos comandos militares das zonas de quem são dependentes.

Em contrapartida destas saídas do campo de desterro de Ataúro,para se subtrair às vistas do mundo exterior, foram criados outros campos de desterro em todo o território nacional. Todos os concelhos têm as suas prisões políticas nas sedes dos concelhos ou localidades próximas. Aí os castigos são os mais cruéis e muitos aí são desaparecidos.Vamos citar alguns desses campos mais conhecidos pelos seus métodos de tortura. Na Ponta-Leste,a mais conhecida é a prisão de Sae-Lari, na zona de Laga, concelho de Baucau.Na sede do concelho, funciona outra prisão no "Flan Boy" e outra no Kodim.

Na Região Central, além das prisões nas respectivas sedes dos concelhos, outra das mais importantes está em Aileu-Vila. Aí são concentrados presos vindos de vários pontos do País. Em 1980, chegaram a Aileu 39 presos vindos da Ponta-Leste, entre homens e mulheres; 35 são do posto de Baguia , do concelho de Baucau e 4 de Iliomar, do concelho de Lospalos. Não têm contacto com os familiares.

Em 1982, chegaram ao campo de concentração de Aileu, novos presos vindos dos concelhos de Same e Ainaro, entre homens e mulheres, enquanto alguns seguiram para o campo de desterro de Ataúro.

Em 1984, chegaram novos habitantes a Aileu, vindos do Posto Administrativo de Remexio. Estes, à noite são encarcerados. Também em Julho do mesmo ano, foram libertados do campo de concentração de Ataúro os presos deste concelho idos em 1981. Vieram novamente concentrados aqui neste campo, em vez de seguir para as suas respectivas casas.

Em princípios deste ano de 1985, chegaram da região do Sul, Alas, novos candidatos do campo de desterro de Aileu. Todos estes presos estão sob a responsabilidade directa dos komandos militares das respectivas zonas.

O campo de concentração de BÚNUK, na zona litoral da contra-costa,área do posto administrativo de Zumalai, também na Região Central, foi criado recentemente, isto é, em Outubro de 1984, com a chegada dos presos do concelho de Ainaro "libertados" do campo de desterro de Ataúro. Havia cerca de seicentos e tal presos. Acossados pela fome e doença morreram alguns logo nos princípios da chegada. Este grupo foi depois sudividido em três facções ficando um grupo no mesmo campo, outro foi novamente concentrado na vila de Ainaro, enquanto o outro grupo foi libertado para as suas casas.

O campo de concentração de PARAGUA, no posto administrativo de Cailaco, concelho de Bobonaro, Região Fronteiriça, foi criado em 1982, com a che gada dos presos da Região-Leste, "libertados" do campo de desterro de Ataúro. Actualmente habitam 650 presos.

O campo de desterro de HALIKOU, também na Região Fronteiriça é mais uma prisão política do que um campo de desterro, ficou entre as áreas de Cailaco e Maliana. Os presos aqui são sujeitos a terríveis torturas e crueldades desumanas. Calcula-se entre 2 a 3 mil presos.

Terminado o ano de 1983 e gorada a sua maquiavélica intenção na referida "conversação", em meados do mesmo ano, o governo de Jakarta manda substituir todos os seus agentes que dirigem a guerra em Timor-Leste, no começo do ano de 1984.

Benny Moerdani, esse grande assassino do nosso povo, ameaçou de exterminação as nossas forças bem como a do seu glorioso CCF. Para isso, ele mandou vir 20 batalhões especiais, 8 aviões, morteiros e canhões, tanques de guerra e carros de assalto. O objectivo era este: EXTERMINAR AS FALINTIL AS SUWAIN E A SUA GLORIOSA VANGUARDA DO POVO MAU-BERE — O CCF. Mas Benny Moerdani e os seus generais fracassaram, uma vez mais, nos seus planos.Mais uma vez, os valorosos guerrilheiros das Falintil, sob a direcção do Comité Central da Fretilin, derrotaram os generais de Jakarta. Neste ano, só na Ponta Leste, as nossas forças capturaram 45 armas modernas (15 "coronhas móveis"e 30 "Ar 15", sem contar com as "MU2", as "SKS", as "LES" e as "MAUSERS". E não contando com as capturas feitas nos outros dois sectores.

7. ESBOÇO DO NOVO PLANO DE LUTA DO INIMIGO PARA O ANO DE 1985.

Porque o inimigo, neste ano que passou, foi vergonhosamente derrotado, neste ano que começa, ele procura atacar com mais força os nossos bravos combatentes e com novas tácticas até. O guerrilheiro da Fretilin não treme! Está pronto para o receber. Assim, logo no início do ano, o ministério da defesa da Indonésia fez uma geral reestruturação no komando de luta em Timor. O alto komando militar indonésio em Timor-Leste, desmembra-se do komando superior de Bali, a quem este komando tem estado sob a sua direcção desde o início das hostilidades em Timor-Leste. Timor passa a ter um komando supremo, sob a chefia de um brigadeiro general, directamente sob as ordens de Benny Moerdani, chefe do Estado Maior General das Forças Armadas da Indonésia. Traça-se novo plano de luta para o ano em curso: fazer um outro cerco e aniquilamento com 50 batalhões em princípio e populações de Timor

-Leste e de Nusa Tenggara Timur. Entretanto, o problema de Timor-Leste segue no bom caminho.

Neste momento, o inimigo volta a recrutar novamente os filhos de Timor-Leste, aquilo que eles chamam "pemudas", para lhes entregar armas e pô-los a lutar contra os seus próprios irmãos. Benny Moerdani assustou-se com grande número de armas novas capturadas pelos guerrilheiros da Fretilin.Ele julga que assim evita que os guerrilheiros da Fretilin continuem a capturar armas novas. Mas Moerdani não sabe que assim, ele resolve um problema com outro problema. Antes, quando ele armou os "ratihs", não sabia que um dia esses mesmos "ratihs" se iriam contra ele. Benny nunca pensou nisso,mas foi isso mesmo que aconteceu, em 8 de Agosto de 1983. Com os levantamentos dos naturais armados, nós aumentámos as nossas armas e os nossos efectivos. Se agora o inimigo voltar a fazer o mesmo, isto é, se voltar a armar novamente os filhos de Timor-Leste, ele estará somente a dar-nos condições para organizarmos novos levantamentos, e assim, aumentar ainda mais as nossas armas e os nossos efectivos.

III - A DESMORALIZAÇÃO DAS FORÇAS INIMIGAS E O NOSSO INQUEBRANTÁVEL DESEJO DE VENCER.

Há generais de Soeharto que desejam continuar com a guerra em Timor-Leste, porque a guerra traz a rupiah para o soldado indonésio, e há outros que querem que esta acabe o mais depressa possível porque está a arruinar o povo indonésio não só no aspecto económico como também a riqueza braçal humana, enterrando na miséria perpétua e no sofrimento muitas mães, esposas e filhos, consequência de uma feroz ditadura do militarismo indonésio. Os melhores elementos das forças indonésias estão conscientes de que a luta que estão a travar contra o pequeno e irmão povo de Timor-Leste é uma luta sem ideal, sem nobreza, sem dignidade e sem esperança. É uma luta baseada apenas na política da força. E sem a força da razão, do direito e da Justiça,a razão da força é enganosa, é inútil.

O soldado indonésio consciente quer ser digno do seu passado, da sua história, da sua cultura e sabe que a Indonésia quer desafiar o mundo, quer convencer e vencer o mundo a tudo o custo. Isto significa que quer bater-se pela razão da força.

O soldado indonésio sabe que existe e persiste bem viva na consciência de cada timorense um mal-estar profundo e geral que poderá conduzir, mais cedo ou mais tarde, a novos gritos de revolta e de sangue.

O soldado indonésio sabe que a situação política de Timor-Leste considerado como facto consumado não passa de ser um facto artificial e falso, porque se baseia na violação flagrante dos direitos mais elementares do Homem.

O soldado indonésio sabe que o povo de Timor-Leste quer ser independente e não aceita a integração senão à força e tudo o que é violento pouco persiste.

O soldado indonésio sabe que a Indonésia é incapaz de conquistar o coração do Povo de Timor-Leste.

Por isso, o soldado indonésio vive numa depressão moral. Tem medo de morrer. Tem pouca vontade de fazer a guerra porque sabe que Timor-Leste não é terra dele; porque ele sabe que quem morre é ele; quem fica a sofrer são os seus familiares; mas quem mete as rupiahs nos bolsos são uma minoria de javaneses e timores privilegiados que andam a enriquecer-se à custa do sofrimento e do sangue do Povo Mau-Bere. Por isso tudo que o Povo Mau - Bere não teme o inimigo carnificino. O Povo Mau-Bere e o seu braço armado saberão enfrentá-lo nem que metam durante estes 10 anos, nunca tinha sido feito pelo colonialista português durante quase 500 anos da sua colonização.A lei da Indonésia é a lei da força, é a lei do fuzil.

Mas, por mais que o criminoso ocupante da nossa Pátria prenda, torture, massacre, mais o Povo de Timor-Leste toma consciência de que é preciso lutar; no seu íntimo enraíza-se, cada vez mais, à necessidade de resistir, porque só lutando, só participando na Resistência Nacional contra a ocupação estrangeira, podemos libertar dessa dominação, e assim, acabar com todos os sofrimentos provocados por essa dominação estrangeira.

Hoje, nas vilas, nos campos de concentração, vemos que muitos filhos de Timor-Leste, muitos irmãos nossos, considerados antes como "irmãos falhados", estão a tomar consciência da justeza da nossa luta. "Bupatis", "camatas", "DRP", "Hansips", "tentaras", "Rajás", "Polisi" e estudantes,todos os filhos de Timor, hoje já sabem que a luta que a Fretilin está fazendo é justa; que é preciso lutar para defender os nossos direitos; que é preciso lutar para acabar com os sofrimentos impostos pelos ocupantes da nossa Terra. Todos já sabem, já tomaram consciência de que se não lutamos, se não resistimos, nós continuaremos a viver dominados como animais de "dois pés", como escravos simplesmente.

V- O APELO DO CCF PARA A UNIDADE NACIONAL

Por causa disto tudo que o Comité Central da Fretilin lançou um apelo a todos os filhos de Timor-Leste para se unirem numa frente, pois, a Unidade Nacional de todos os filhos de Timor-Leste permitir-nos-à condições para lutarmos contra o nosso poderoso inimigo em todas as Frentes: Frente Política, Diplomática e Militar. A unidade de todos os nacionalistas e patriotas, de todos os movimentos nacionalistas, trar-nos-à forças para vencê-lo. Esperemos que esta mensagem de Unidade Nacional lançada pelo CCF tenha eco em todos os corações dos filhos de Timor-Leste, que amam a sua Terra e a sua liberdade, espalhadas pelas cinco partidas do mundo, forçados pelas circunstâncias impostas pela actual conjuntura política da nossa Terra ou incumbidos na responsabilidade que a nossa Pátria lhes impõe, sempre alimentados pelo desejo e viva esperança de um dia poderem voltar para junto dos seus entes queridos, para a Terra que os viu nascer. Só dentro desta desejada Unidade de todos, podemos vencer o ocupante da nossa Pátria e libertar a nossa Terra.

Um apelo especial a todos os patriotas para se esforçarem o máximo que puderem para divulgar a nossa mensagem de Unidade Nacional, a fim de podermos despertar a consciência nacionalista dos filhos de Timor-Leste,a fim de elevarmos a consciência política dos nacionalistas, a fim de consolidarmos a Unidade Nacional para a nossa libertação total, eis a meta desejada.

VI - O JOGO BAIXO DO INIMIGO

Hoje, o inimigo, mercê da facilidade e grande rede de informação que dispõe, dentro da sua política de mentira baseada quase sempre de distracção intensional dos factos que a realidade objectiva apresenta, procura desviar as atenções do nosso Povo para a luta que a sua Terra impõe, minar a consciência política do nosso Povo, lançando-o, ao mesmo tempo,na confusão, no comodismo, no indiferentismo, no pânico e no medo, com falsas propagandas e mentiras sem freio nem limite, em todas as vilas, campos de concentração e de desterro, em todas as aldeias e cadeias de Timor-Leste. É uma dessas grandes mentiras que o inimigo anda a propagandear para desmoralizar o nosso Povo, é o seguinte: "O caso de Timor está consumado e como tal, "riscado" da agenda da ONU. A integração de Timor à República da Indonésia é a única via e considerado como facto consumado" - assim diz o inimigo.

Nós afirmamos, continuamos a afirmar que o caso de Timor-Leste não pode ser riscado da Agenda da ONU porque é um caso de "descolonização".Porque o Direito à auto-determinação e Independência Nacional é um direito universalmente reconhecido a todos os Povos do mundo, a todas as "colónias" e, como tal, é um direito que assiste também ao povo de Timor-Leste, colonizado por portugueses até 1975 e dominado actualmente pelos colonialistas indonésios! Todos os Povos e países do mundo sabem que o Povo de Timor-Leste ainda não se auto-determinou, isto é, ninguém ainda perguntou ao Povo de Timor Leste, se deseja a integração ou se quer a independência nacional. Enquanto o Povo de Timor-Leste não tiver exercido ainda este direito sob supervisão internacional, nenhum "progresso" com "palhotas de zinco", nenhum "desenvolvimento" com "estradas borradas de alcatrão", pode convencer o mundo para negar o direito do Povo de Timor-Leste à Auto-determinação e Independência Nacional. Mas mesmo que o mundo, algum dia, negue esse direito, nós, os Filhos de Timor-Leste, nunca o poderemos negar, porque é o nosso Direito, porque se trata da nossa vida como Povo. E porque é o nosso direito de viver como um Povo, só nós temos o sagrado dever de defender esse direito, de continuar a lutar para levar o mundo a reconhecer novamente esse direito.Um caso concreto, por exemplo: O povo Irianjayano ainda não tem o seu direito a auto-determinação reconhecido internacionalmente, mas continua a lutar para conseguir esse reconhecimento.

VII - PORQUÊ E PARA QUÊ ESTE BLOQUEIO ?

Nós perguntamos: porque os criminosos colonialistas indonésios não deixam entrar a CRUZ VERMELHA INTERNACIONAL e outras organizações humanitárias? Porque fecham as entradas de Timor-Leste a jornalistas independentes e de Organizações Internacionais dos Direitos Humanos como a Amnistia Internacional e outras? Ou se entra um ou outro dos jornalistas, porque é que eles não os deixam ir para onde eles querem, não os deixam falar à vontade com o Povo, pelo contrário, são sempre fortemente vigiados todos os seus passos e conversas pelos agentes secretos montados disfarçadamente em todos os cantos e lugares? Se alguém do povo falar com alguns desses visitantes é logo preso e encarcerado, após torturas impassíveis. Porquê?

Porque o criminoso ocupante da nossa Terra, tem medo que o mundo venha a conhecer a situação real de Timor-Leste. Porque o agressor da nossa Pátria tem medo que o mundo venha a conhecer que o "desenvolvimento", é afinal, desenvolvimento de prisões, torturas e massacres; que o "progresso", é o progresso da fome, da miséria, da pobreza, da corrupção...É por causa deste bloqueio da Indonésia que o mundo não conhece ou conhece mal a situação real de Timor-Leste.

VIII - O MUNDO PERANTE A NOSSA SITUAÇÃO.

Apesar de Timor-Leste continuar vedado aos observadores internacionais, o mundo não está alheio ao nosso problema. Sabemos que muitos países amantes da Justiça e da Paz, dos fracos e dos desprotegidos, se solidarizam com a situação sócio-política de Timor-Leste, na sua actual conjuntura, demonstrado pelas votações sucessivas em nosso favor, que se têm feito nos areópagos internacionais, de que sempre resultou a condenação da Indonésia , referente ao problema de Timor-Leste.

Nós não negamos que há países no mundo que apoiam a Indonésia,por causa dos interesses económicos. Por causa destes mesmos interesses económicos há países que preferem ficar calados perante o nosso caso. A Austrália, por exemplo, apesar de ter um governo "trabalhista", portanto, que reconhece o nosso direito, está hesitante, por causa também dos seus interesses económicos. Mas isto não significa que estes países não possam mudar as suas posições. Eles só podem mudar as suas posições quando descobrirem as mentiras da Indonésia, quando conhecerem a situação real de Timor-Leste. E, para que isto aconteça, é necessário que intensifiquemos a nossa luta em todas as Frentes; é preciso que o povo Mau-Bere continue a aceitar os sacrifícios que a nossa guerra de libertação nacional lhe impõe. Por outro lado, é preciso que todos os patriotas, como já deferimos atrás, se ofereçam por desenvolver as tarefas de luta, as tarefas que têm em vista edificar e consolidar a Unidade Nacional de todos os filhos de Timor-Leste. É preciso que não tenhamos medo de continuar a sofrer e a morrer pela causa da libertação da nossa Pátria. É certo que devemos ter cuidado, devemos combater com inteligência, trabalhar com a cabeça, para evitar que o inimigo destrua as nossas organizações e a nós também. Mas, sem coragem, também não podemos lutar.

Se foi fácil ao sr. embaixador Agus Merpau e ao sr. ministro Mochtar desmentir de boca cheia e aos quatro ventos tudo o que se escreve e comenta no exterior acerca do nosso caso — considerando só eles o "monopólio da verdade" — bem mais difícil se torna convencer o mundo que já anda com muitas suspeitas da política do sr. Presidente Soeharto, que faz da Indonésia " uma propriedade de uns poucos generais". No entanto, Timor-Leste constitui para a Indonésia um fardo pesado. As dificuldades avolumam-se cada vez mais tanto a nível nacional como internacional que podem provocar a sua auto-destruição, se quer basear exclusivamente a sua política de pressão pelo emprego da força.

IX - O SLOGAN: "TIMOR VOLTA À NORMALIDADE. "O POVO VIVE PACÍFICO NO SEU DIA A DIA"

A todo o instante, os senhores que, momentaneamente, presidem aos destinos de Timor, anunciam que Timor, pouco a pouco, está a voltar à normalidade. O povo está vivendo pacificamente a sua vida no seu dia a dia. São poeiras fictícias lançadas pelo colonialista indonésio para despistar o olhar do mundo no caminho das realidades objectivas do Timor-Leste de hoje. Basta uma análise mais atenta da realidade sócio-política-económica de Timor-Leste para concluir que o panorama geral de Timor-Leste é: violência de guerra ofensiva declarada. O direito é lesado, reina a injustiça, a disciplina é postorgada, em suma: corrupção sistemática e estruturada, moeda corrente em toda a Indonésia. Tudo cria na alma do Povo timorense um mal-estar profundo, o desprezo pelo convívio natural com o "pendatang" indonésio, à separação cada vez maior entre o povo timorense e o povo indonésio,preparando deste modo, os espíritos de revolta, originando aí atritos constantes,lutas esporádicas, evasões para as montanhas, todos os anos, da população, indiferentemente de idades, sexos, levando como lema:"Pátria ou Morte! A luta continua nas vilas e montanhas!" Assim, o indonésio vive na desconfiança de tudo porque se sente inseguro. É por essa razão que, a cada passo, se faz rusgas pela cidade, às casas particulares e comerciais, partindo cofres,roubando descaradamente ao povo, como aquilo que passou na cidade de Dili, no dia 26 de Abril findo, criando assim, um clima de inquietação, de pânico, de medo, agudizando ao mesmo tempo, tensões de ódio e de vingança. No meio deste ambiente todo, pode haver sossego e normalidade, como tem apregoado?

Enquanto continuam a existir campos de concentração em que, em muitos deles, o povo não pode circular mais de dois ou três kilómetros, e , forçadamente deixa as suas terras, as suas antigas hortas e plantações, os seus gados, os seus mortos, para ir viver como rebanhos nos campos de concentração, sob o olhar vigilante dos canos e debaixo de toda a espécie de pressões, pode estar contente, pode estar pacífico? É isto que significa que : "Timor volta à normalidade?"

Enquanto, neste círculo infernal, os barcos de guerra continuam a despejar as suas metralhas,
os aviões continuam a lançar bombas,
os canos continuam a funcionar,
os mortos continuam a enterrar,
os feridos enchem os hospitais,
pode dizer-se que Timor volta à normalidade? Que o povo está a viver pacificamente?

Enquanto o criminoso ocupante da nossa Terra continua a prender,a torturar, a massacrar o Povo;

Enquanto neste círculo continua a haver situações anormais, como:

- esposas dolorosamente separadas, enfrentando amarguradamente e com heroicidade vicissitudes da vida;
- casados que conhecem esposas apenas algumas horas, dias ou semanas;
- filhos que nascem sem conhecer para sempre os pais, etc. , etc., pode-se falar:"Timor volta à normalidade"? "O povo vive pacificamente a sua vida no seu dia a dia"?

Neste ciclo em que o tempo vai rodando e traz as mesmas lembranças:fome, doença, pressões, torturas, massacres, no qual o povo aferra-se na vontade cada vez mais firme de lutar contra o ocupante da nossa Terra, pode dizer-se que "Timor volta à normalidade"? Ou caminha acentuadamente para a anormalidade? Tudo não passa de palavreado para camuflar a política de mentira, da pobreza e da miséria que está a grassar em terras de Timo-Leste —jogo baixo de um governo corrupto, arvorando-se em defensores de direito, de justiça, de verdade, etc. quando na verdade, contra tudo isso.

X - O POVO E A IGREJA MÁRTIRES DE TIMOR-LESTE: TODOS À UMA COM OS OLHOS POSTOS NO FUTURO.

O Povo de Timor-Leste, católico ou animista, considera a hierarquia da Igreja Católica como um valor digno de respeito e estima. Sobretudo nestes anos dramáticos da ocupação estrangeira do nosso País, em que o agressor tanto o torturou, prendeu, espancou, matou e deportou, o Povo de Timor-Leste encontra na Igreja Católica, uma Esperança, um apoio moral, material, e, não poucas vezes, também o apoio da sua existência física. A Igreja Católica, guardã da Justiça e defensora do Povo Mau-Bere, neste momento histórico de Timor-Leste, não só defende mas denuncia, protesta e ataca os actos de barbárie cometidos pelo vandalismo indonésio contra o pequeno heróico Povo Mau-Bere. Deste modo, a Igreja Católica muitas vezes é alvo de várias formas de ameaças e os seus elementos sofrem várias pressões do mesmo agressor. A Igreja e o Povo Mau-Bere estão ambos sujeitos aos mesmos condicionalismos sócio-políticos da actual conjuntura. Os momentos difíceis são igualmente compartilhados por um e por outro à mesa comum da Paciência e da Esperança. Paciência que não significa inércia, mas acção, vida, dinamismo. Desde já, todos à uma, dentro dos condicionalismos da actualidade, com os olhos postos no futuro de Timor-Leste, trabalham e participam, sob várias formas, nesta guerra de resistência e ocupação estrangeira, para a libertação total do nosso Povo e da nossa Terra. "A nossa Pátria Timor-Leste e o nosso Povo não esquecerão nunca os trabalhos desenvolvidos pela Igreja Católica em Timor, durante estes anos difíceis da guerra" — assim afirmou o nosso camarada e companheiro José Cairala Xanana Gusmão, Comissário Político Nacional e Comandante em Chefe das Falintil, no verão de 1983, num dos encontros entre este e as altas esferas civis e militares do Governo da Indonésia, em Timor.

Todos aqueles que, indiferentemente de raças, credos ou nacionalidades, comungam do mesmo ideal de Justiça e solidariedade fraterna, querendo o bem estar desta Terra e deste Povo, compartilhando com ele o trabalho penoso da guerra, dos sofrimentos, vivendo as angústias e as esperanças, as alegrias e as tristezas deste martirizado Povo, pois que, o povo de Timor-Leste dá-lhes a mão e abraça-os. Timor-Leste precisa do contributo de todos estes para a edificação e reconstrução do seu país. Reafirmamos que, o Padre, em Timor-Leste, além da sua profissão que lhe é própria, exercida dentro da sua esfera de acção, é um homem utilíssimo para Timor-Leste, como afirma um dos dirigentes do nosso partido a um dos Padres que, com o Povo Mau-Bere, su biu também para as montanhas, em 1975. Portanto, o Padre em Timor-Leste, além da sua missão, pode, dentro das suas capacidades, exercer outras tarefas, nos vários sectores de serviços sociais, onde é pedida a sua contribuição. Assim também, as Religiosas poderão sair dos seus conventos e ir trabalhar nos Hospitais, a tomar conta dos orfanatos, creches, asilos para os velhos, etc, etc. A Fretilin não está contra a Igreja Católica nem outra Igreja qualquer que pregue a sua doutrina com o fim de construir a boa consciência da Humanidade. Pode, sim, ir contra este ou aquele elemento da Igreja cuja atitude não condiz com aquilo que prega. Assim também, qualquer autoridade civil ou religiosa, tem de ser o testemunho daquilo que prega. É o espelho da verdade. Nisto, a Fretilin é exigente a todos quantos têm o mando na mão, o fio condutor da humanidade. A autoridade não é privilégio, é uma profissão. Como tal, deve ser exercida de mãos limpas, isto é, dentro da verdade e justiça.

A Indonésia tem dado muita rupiah, roupa, comer, promessas da defesa de vida física, bom emprego, etc, para conquistar o coração do Povo Católico de Timor para o islamismo, mas encontra forte oposição no mesmo povo que vê o Islamismo como coisa vil e desprezível. O Povo de Timor-Leste tem no coração o islamismo como um factor que contribuiu para o genocídio do mesmo Povo Mau-Bere. Por isso, despreza.

Em contrapartida, as organizações da Igreja estendem-se das vilas grandes e pequenas aos campos de concentração mais recônditos de Timor-Leste, apesar do seu reduzidíssimo número de sacerdotes que dispõe actualmente. A Igreja Católica está a experimentar a maior expansão do cristianismo, durante estes anos de guerra difíceis, para ela como para o seu Povo. Unidos, comungando o mesmo ideal, sofrendo as mesmas prepotências do ocupante e vivendo a mesma Esperança nos melhores dias, numa busca de solidariedade fraternal, de liberdade e de justiça, que são os pilares de uma Paz verdadeira e duradoura. Um maior sentido de Justiça instalada nas estruturas sociais, políticas e religiosas desta martirizada Terra, fará de Timor-Leste um país farol para os outros. É nesta Esperança que encaramos o futuro da nossa Nação.

XI - A PROPÓSITO DE ALGUMAS NOTÍCIAS E AFIRMAÇÕES VINDAS A LUME, ULTIMEMENTE

Tem-se dito e escrito, ultimamente muito, acerca da situação actual de Timor-Leste. A começar pelo sr. Embaixador da Indonésia, Agus Merpau, na Austrália, a dizer que a Organização da Amnistia Internacional tem divulgado notícias não concretas, portanto, falsas, acerca da situação actual de Timor-Leste, para depois o sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, Mochtar Kusumaatmadja, afirmar

- que a Indonésia não matou 200.000 pessoas em Timor-Leste, mas "apenas" 50 a 70 mil;
- que a maioria foi vítima da fome e da doença;
- que em Ataúro, os desterrados vivem bem, estão satisfeitos, vivem da pesca, não há fome, etc;
- que a Indonésia veio para apaziguar os dois irmãos em contendas;
- que veio para ajudar o povo de Timor, porque Portugal ,em 400 anos nada fez, etc, etc.

Nós respondemos que as afirmações dos dois estadistas indonésios é que não têm raíz da verdade, quando querem, a todo o custo, encobrir ao mundo os crimes praticados pelos seus soldados assassinos, durante esta vergonhosa ocupação da nossa Terra. Actos próprios dum Povo de baixa moral e selvático. Diz o sr. Mochtar que a Indonésia não matou duzentas mil pessoas , mas "apenas" 50 a 70 mil. Perguntamos: o que são afinal estas 50 ou 70 mil? São animais ou vidas humanas? Não são seres humanos com a mesma dignidade , o mesmo direito à vida como qualquer outro povo que habita neste planeta?Se morreu de fome, da doença ou de outras actividades militares como afirmou o sr. Governador Carrascalão, fica o sr. Mochtar, o sr. Carrascalão a saber que quem é o agente responsável destes crimes intoleráveis é a Indonésia. É o mesmo dizer que foi a Indonésia quem assassinou estes milhares de vidas em Timor-Leste. Mas temos a verdade na mão que todos os quadros dirigentes da Fretilin, civis ou militares, activistas e a maioria dos guerrilheiros capturados ou rendidos, foram simplesmente assassinados, após cruéis torturas. Que os senhores acreditem ou não, esta é a verdade baseada em factos concretos. Como o mundo pode ter conhecimento destes factos reais, se acaso entrar em Timor-Leste, os observadores internacionais e estes são fortemente vigiados, todos os seus passos e conversas? Como poderão ser informados, se o povo é ameaçado de todas as formas, portanto vive de medo e de pressão? Se a sua voz é obrigada a um silêncio forçoso? Mesmo que, como disse o sr.

jornalista que esteve dez dias em Timor-Leste, tenha entrado em contacto com elementos do Comité Central da Fretilin (aliás, presentemente só se encontra um ou dois em Dili), pode o sr. ter toda a certeza que ele não fala, não diz aquilo que ele sente, e pensa. Mas *foi obrigado* a falar. *Foi ensinado*. *Foi ameaçado*. Esta é a verdade. Assim, como é que os observadores internacionais poderão obter informações concretas? No momento em que estou escrevendo estas linhas, sei que andam aqui alguns observadores internacionais, por isso, o komando militar indonésio em Timor-Leste já deu instruções para esconderem todos os carros de assalto existentes no território.As viaturas militares não podem circular. Os agentes secretos vigiam todos os cantos. As estradas para as companhias de Taibassi e para o cemitério militar são canceladas a viaturas particulares, etc. Para os senhores saberem que alguns dos jornalistas conseguiram ir de taxi até ao cemitério militar fazer filmagens, seguidos de longe pelas polícias secretas. O taxista foi depois, preso, cruelmente espancado e encontra-se agora na comarca de Caicoli, em Dili, o dono do taxi e o taxi foram parar nas mãos da polícia militar. O taxista é um chinês.

Que os presos em Ataúro estão livres, vivem satisfeitos, vivem da pesca; não há fome, etc. Sim, são livres, na medida em que não podem escrever aos familiares, e estes não podem ir visitá-los. Esta é a liberdade que eles têm.

Que estão satisfeitos. Perguntamos: em que parte do mundo, um prisioneiro pode estar satisfeito? Longe da família, da mulher e dos filhos,sofre de várias privações e pressões de toda a ordem, poderá ele estar satisfeito?

Que vivem da pescaria. Sim, pescam as algas, um ou dois peixitos com a flecha, por entre as pedras, quando há maré-baixa. É a isto que se diz viver da Pesca?

Que em Ataúro não há fome. Sim, entre os presos, não há queixa de fome desde que a Cruz Vermelha Internacional começou a assistir os presos, em Ataúro. Mas fiquem a saber que os naturais da ilha têm uma refeição de umas 5 a 10 espigas de milho por dia. Isto não é fome? Com a excepção dos funcionários do Estado.

Que a Indonésia veio pôr termo à rivalidade entre dois irmãos. Veio apaziguar. Apaziguar prendendo, torturando, encarcerando, desterrando,roubando, devastando, violando?!

Que o povo de Timor-Leste vive bem, tem carros, motos, TV,estradas asfaltadas, casas de pedra e cal, etc. etc. O Povo vive bem por estar na miséria perpétua, sofrendo fatalidades de todo o género? Ou vive bem porque uma minoria de privilegiados tem carros, motos, casas, etc?

Que em Timor estão agora oitenta doutores. Mas doutores que tratam aqueles que têm rupiahs nas mãos. Quem não as tem, é obrigado a morrer. É o que está a suceder por esse Timor fora. Por isso, a doença é uma fatalidade crónica como a fome que continua a dizimar o Povo Mau-Bere.

Que as escolas estão semeadas em todos os cantos. Sim, sem dúvida que um povo para melhorar e mais depressa dominar outro, é começar por semear na cabeça e no coração das crianças a semente da alienação, a deformação sistemática, a mutilação planeada, com vista a resultados fixados arbitrariamente. É pela alienação psicológica da criança de hoje e homem de amanhã , que um povo pode, com facilidade, levar outro povo a sujeitar-se a ele.

Mas não é isto tudo que está em causa. Não é por não ter carros, casas, as estradas alcatroadas, etc, que o Povo Mau-Bere resiste. O que está em causa é o direito do Povo Mau-Bere de viver como um Povo também,de ter a sua liberdade, a sua identidade própria, a sua dignidade de homem, numa palavra, é O DIREITO DE TER E CONSTRUIR A SUA PRÓPRIA PÁTRIA.

É isto

que está em causa. Para isso que o Povo Mau-Bere luta, resiste, apesar de sofrimentos de toda a ordem impostos pelo criminoso ocupante da nossa Pátria. E o resto não passam de poeiras fictícias das palavras que os "políticos" indonésios lançam no caminho das realidades, ao sabor das quais se procura reger o mundo dos nossos dias.